# ODES MODERNAS

# ODES MODERNAS

POR

ANTHERO DE QUENTAL

---

SEGUNDA EDIÇÃO

CONTENDO VARIAS COMPOSIÇÕES INEDITAS

LIVRARIA INTERNACIONAL

DE

ERNESTO CHARDRON — PORTO

EUGENIO CHARDRON — BRAGA

1875

# LIVRO PRIMEIRO

Allein im Innern leuchtet helles Licht

GŒTHE : *Faust*.

I

# Pantheismo

I

Aspiração... desejo aberto todo
N'uma ancia insoffrida e mysteriosa...
A isto chamo eu vida: e, d'este modo,

Que mais importa a fórma? silenciosa
Uma mesma alma aspira á luz e ao espaço
Em homem igualmente e astro e rosa!

A propria fera, cujo incerto passo
Lá vaga nos algares da deveza,
Por certo entrevê Deus — seu olho baço

*

Foi feito para vêr brilho e belleza...
E se ruge, é que a agita surdamente
Tua alma turva, ó grande natureza!

Sim, no rugido ha uma vida ardente,
Uma energia intima, tão santa
Como a que faz trinar a ave innocente...

Ha um desejo intenso, que alevanta
Ao mesmo tempo o coração ferino,
E o do ingenuo cantor que nos encanta...

Impulso universal! forte e divino,
Aonde quer que irrompa! e bello e augusto,
Quer se equilibre em paz no mudo hymno

Dos astros immortaes, quer no robusto
Seio do mar tumultuando brade,
Com um furor que se domina a custo;

Quer durma na fatal obscuridade
Da massa inerte, quer na mente humana
Sereno ascenda á luz da liberdade...

É sempre a eterna vida, que dimana
Do centro universal, do fóco intenso,
Que ora brilha sem véos, ora se empana...

É sempre o eterno germen, que suspenso
No oceano do Ser, em turbilhões
De ardor e luz, evolve, infimo e immenso!

Através de mil fórmas, mil visões,
O universal espirito palpita
Subindo na espiral das creações!

Ó fórmas! vidas! mysteriosa escripta
Do poema indecifravel que na Terra
Faz de sombras e luz a Alma infinita!

Surgi, por céo, por mar, por valle e serra!
Rolai, ondas sem praia, confundindo
A paz eterna com a eterna guerra!

Rasgando o seio immenso, ide sahindo
Do fundo tenebroso do Possivel,
Onde as fórmas do Ser se estão fundindo...

Abre teu calix, rosa immarcessivel!
Rocha, deixa banhar-te a onda clara!
Ergue tu, aguia, o vôo inaccessivel!

Ide! crescei sem medo! não é avára
A alma eterna que em vós anda e palpita...
Onda, que vai e vem e nunca pára!

Em toda a fórma o Espirito se agita!
O immovel é um deus, que está sonhando
Com não sei que visão vaga, infinita...

Semeador de mundos, vai andando
E a cada passo uma seara basta
De vidas sob os pés lhe vem brotando!

Essencia tenebrosa e pura... casta
E todavia ardente... eterno alento!
Teu sopro é que fecunda a esphera vasta...
Choras na voz do mar... cantas no vento...

## II

Porque o vento, sabei-o, é prégador
Que através das soidões vai missionando
A eterna Lei do universal Amor.

Ouve-o rugir por essas praias, quando,
Feito tufão, se atira das montanhas,
Como um negro Titan, e vem bradando...

Que immensa voz! que prédicas estranhas!
E como freme com terrivel vida
A aza que o libra em extensões tamanhas!

Ah! quando em pé no monte, e a face erguida
Para a banda do mar, escuto o vento
Que passa sobre mim a toda a brida,

Como o entendo então! e como attento
Lhe escuto o largo canto! e, sob o canto,
Que profundo e sublime pensamento!

Eil-o, o Ancião-dos-dias! eil-o, o Santo,
Que já na solidão passava orando,
Quando inda o mundo era negrume e espanto!

Quando ás fórmas o orbe tenteando
Mal se sustinha e, incerto, se inclinava
Para o lado do abysmo, vacillando;

Quando a Força, indecisa, se enroscava
Ás espiraes do Cháos, longamente,
Da confusão primeira ainda escrava;

Já elle era então livre! e rijamente
Sacudia o Universo, que acordasse...
Já dominava o espaço, omnipotente!

Elle viu o Principio. A quanto nasce
Sabe o segredo, o germen mysterioso.
Encarou o Inconsciente face a face,
Quando a Luz fecundou o Tenebroso.

III

Fecundou!... Se eu nas mãos tomo um punhado
Da poeira do chão, da triste areia,
E interrogo os arcanos do seu fado,

O pó cresce ante mim... engrossa... alteia...
E, com pasmo, nas mãos vejo que tenho
Um espirito! o pó tornou-se idéa!

Ó profunda visão! mysterio estranho!
Ha quem habita alli, e mudo e quedo
Invisivel está... sendo tamanho!

Espera a hora de surgir sem medo,
Quando o deus encoberto se revele
Com a palavra do immortal segredo!

Surgir! surgir! — é a ancia que os impelle
A quantos vão na estrada do infinito
Erguendo a pasmosissima Babel!

Surgir! ser astro e flôr! onda e granito!
Luz e sombra! attracção e pensamento!
*Um mesmo nome em tudo está escripto* —

.....................................

Eis quanto me ensinou a voz do vento.

1865 — 1874.

## II

# Á Historia

I

.....................................

Mas o Homem, se é certo que o conduz,
Por entre as cerrações do seu destino,
Não sei que mão feita d'amor e luz
Lá para as bandas d'um porvir divino...
Se, desde Prometheu até Jesus,
O fazem ir — estranho peregrino,
O Homem, tenteando a grossa treva,
Vai... mas ignora sempre quem o leva!

Elle não sabe o nome de seus Fados,
Nem vê de frente a face do seu guia.
Onde o levam os deuses indignados?...
Isto só lhe escurece a luz do dia!
Por isso verga ao peso dos cuidados;
Duvída e cahe, luctando em agonia:
E, se lhe é dado que supplique e adore,
Tambem é justo que blaspheme e chore!

Já que vamos, é bom saber aonde...
O grão de pó, que o simoun levanta,
E leva pelo ar e envolve e esconde,
Tambem, no turbilhão, se agita e espanta,
Tambem pergunta aonde vai e d'onde
O traz a tempestade que o quebranta...
E o homem, bago d'agua pequenino,
Tambem tem voz na onda do destino!

Porque os evos, rolando, nos lançaram
Sobre a praia dos tempos, esquecidos,
E, naufragos d'uma hora, nos deixaram
Postos ao ar, sem tecto e sem vestidos.
Estamos. Mas que ventos nos deitaram
E com que fim, aqui, meio partidos,
Se um Acaso, se Lei nos céos escripta...
Eis o que a mente humana em vão agita!

Ó areias da praia, ó rochas duras,
Que tambem prisioneiras aqui estaes!
Entendeis vós acaso estas escuras
Razões da sorte, surda a nossos ais?
Sabel-as tu, ó mar, que te torturas
No teu carcere immenso? e, aguas, que andaes
Em volta aos sorvedouros que vos somem,
Sabeis vós o que faz aqui o Homem?

Fronte que banha a luz — e olhar que fita
Quanta belleza a immensidão rodeia!
Da geração dos seres infinita
Mais pura fórma e mais perfeita idéa!
No vasto seio um mundo se lhe agita...
E um sol, um firmamento se incendeia
Quando, ao clarão da alma, em movimento
Volve os astros do céo do pensamento!

E, emtanto, ó largo mundo, que domina
Seu espirito immenso! elle é mesquinho
Mais que a ave desvalida e pequenina,
A que o vento desfez o estreito ninho!
Quanto mais vê da esphera crystallina
Mais deseja, mais sente o agudo espinho...
E o circulo de luz da alma pura
É um carcere, apenas, de tortura!

Um sonho gigantesco de belleza
E uma ancia de ventura o faz na vida
Caminhar, como um ebrio, na incerteza
Do destino e da Terra-promettida...
Sorri-lhe o céo de cima, e a natureza
Em volta é como amante appetecida —
Elle porém, sombrio entre os abrolhos,
Segue os passos do sonho... e fecha os olhos!

Fecha os olhos... que os passos da visão
Não deixam mais vestigios do que o vento!
Tu, que vaes, se te soffre o coração
Virar-te para traz... pára um momento...
Dos desejos, das vidas, n'esse chão
Que resta? que espantoso monumento?
Um punhado de cinzas — toda a gloria
Do sonho humano que se chama Historia. —

II

Oh! a Historia! A Penelope sombria,
Que leva as noites desmanchando a teia
Que suas mãos urdiram todo o dia!
O alchimista fatal, que toma a Idéa,
E, nas combinações da atroz magia,
Só extrahe Pó! A funebre Medêa
Que das flôres de luz do coração
Compõe seu negro philtro — a confusão!

Eis do trabalho secular das raças,
Das dôres, dos combates, das confianças,
Quanto resta a final... cinzas escassas!
O tedio sobre o céo das esperanças
Suas nuvens soprou! E odios, desgraças,
Desesperos, miserias e vinganças,
Eis a bella seara d'ouro erguida
Do chão, onde illusões semeia a vida!

Os cultos com fragor rolam partidos;
E em seu altar os deuses cambaleiam;
E dos heroes os ossos esquecidos
Nem um palmo, sequer, do chão se alteiam!
Os nossos Immutaveis eil-os idos
Como as chammas no monte, que se ateiam
Na urze secca e a arage ergue um momento,
E uma hora após são cinza... e leva o vento!

Ó duração de sonhos! fortalezas
De fumo! rochas de illusão a rodos!
Que é dos santos, dos altos, das grandezas,
Que inda ha cem annos adorámos todos?
As verdades, as biblias, as certezas?
Limites, fórmas, consagrados modos?
O que temos de eterno e sem enganos,
Deus — não póde durar mais que alguns annos!

Thronos, religiões, imperios, usos...
Oh que nuvens de pó alevantadas!
Castellos de nevoeiro tão confusos!
Ondas umas sobre outras conglobadas!
Que longes que não tem estes abusos
Da fórma! Troias em papel pintadas!
Babylonias de nevoa, que uma aragem,
Roçando, abala e lança na voragem!

Sobre alicerces d'ar as sociedades
Como sobre uma rocha tem assento...
E os cultos, as crenças, as verdades
Alli crescem, lá têm seu fundamento...
Ó grandes torreões, templos, cidades,
Babeis de orgulho e força... sopre o vento
Sobre os pés do gigante que se eleva...
E era d'ar essa base... e o vento a leva!

E o vento a dispersou! Elle é seguro
O *Forte da illusão*... mas se a primeira
Rajada o céo mandou, pedras do muro,
Não rolam mais que vós os grãos na eira!
Vê-se então a alma humana, pelo escuro,
No turbilhão que arrasta essa poeira
Ruir tambem, desfeita e em pó tornada,
Té que se esvae... té que a sumiu o nada!

III

E isto no meio do infinito espaço!
Dos soes! dos mundos! sala de fulgores!
Isto no chão da vida... e a cada passo
Rebentam sob os pés cantos e flôres!
Quando abre a Natureza o seu regaço,
E o seio da Mulher os seus amores!
E tem beijos a noite... e o dia festas...
E o mar suspira... e cantam as florestas...

Por cima o céo que ri... e em baixo o pranto...
Harmonias em volta... e dentro a guerra...
Dentro do peito humano, o templo santo,
O vivo altar onde commungue a terra!
Vêde! habita no altar o horror e o espanto,
E a Arca-de-amor só podridão encerra!
Que espantosa illusão, que desatino,
Ó luz do céo! é pois este destino?

Os montes não entendem estas cousas!
Estão, de longe, a olhar nossas cidades,
Pasmados com as luctas furiosas
Que os turbilhões, chamados sociedades,
Lhes revolvem aos pés! Vertiginosas
No mar humano as ondas das idades
Passam, rolam bramindo — elles, emtanto,
Com o vento erguem ao céo sereno canto!

Ás vezes, através das cordilheiras,
Com ruido de gelos despregados,
Um exercito passa, e as derradeiras
Notas da guerra echoam nos vallados...
Então ha novas vozes nas pedreiras,
E as boccas dos vulcões mal apagados,
De monte em monte, em echos vagarosos,
Perguntam — onde vão estes furiosos? —

Sim, montes! onde vamos? onde vamos,
Que a creação, em volta a nós pasmada,
Emmudece de espanto, se passamos
Em novellos de pó sobre essa estrada?...
As aguias do rochedo, e a flôr, e os ramos,
E a noite escura, e as luzes da alvorada,
Perguntam que destinos nos consomem...
E os astros dizem — onde vai o Homem? —

*

Porque o mundo, tão grande, é um infante
Que adormece entre cantos noite e dia,
Embalado no ether radiante,
Todo em sonhos de luz e de harmonia!
O forte Mar (e mais é um gigante)
Tambem tem paz e coros de alegria...
E o céo, com ser immenso, é serenado
Como um seio de heroe, vasto e pausado.

Quanto de grande ha ahi dorme e socega:
Tudo tem sua lei onde adormece:
Tudo, que póde olhar, os olhos prega
N'algum Iris d'amor que lhe alvorece...
Só nós, só nós, a raça triste e cega,
Que a tres palmos do chão nem apparece,
Só nós somos delirio e confusão,
Só nós temos por nome *turbilhão!*

Turbilhão — de Desejos insoffridos,
Que o sopro do Impossivel precipita!
Turbilhão — de Ideaes, lumes erguidos
Em fragil lenho, que onda eterna agita!
Turbilhão — de Nações, heroes feridos
Em tragedia enredada e infinita!
Tropel de Reis sem fé, que se espedaça!
Tropel de deuses vãos, que o nada abraça!

Ha n'isto quanto baste para morte...
Para fechar os olhos sobre a vida
Eternamente, abandonando á sorte
A palma da victoria dolorida!
Ha quanto baste por que já se corte
A amarra do destino, emfim partida,
Com um grito de dôr, que leve o vento
Onde quizer—*a morte e o esquecimento!*

IV

Mas que alma é a tua então, Homem, se ainda
Pódes dormir o sonho da esperança,
Em quanto a mão da crueldade infinda
Teu leito te sacode e te balança?
Que fada amiga, que visão tão linda
Te enlaça e prende na dourada trança,
Que não ouves, não vês o negro bando
Dos lobos em redor de ti uivando?

E persistes na vida... e a vida ingrata
Foge a teus braços tremulos de amante!
E abençôas a Deus... Deus que te mata
Tua esperança e luz, a cada instante!
Que thesouro de fé (que ouro nem prata
Não podem igualar, nem diamante).
É teu peito, que doura as negras lousas...
E crês no céo... e amal-o ainda ousas?

Passam ás vezes umas luzes vagas
No meio d'esta noite tenebrosa...
Na longa praia, entre o rugir das vagas,
Transparece uma fórma luminosa...
A alma inclina-se, então, por sobre as fragas,
A espreitar essa aurora duvidosa...
Se é d'um mundo melhor a prophecia,
Ou apenas das ondas a ardentia.

Sahe do cadinho horrivel das torturas,
Onde se estorce e lucta a alma humana,
Uma voz que atravessa essas alturas
Com vôo d'aguia e força soberana!
O que ha-de ser? que verbo d'amarguras?
Que blasphemia a essa sorte deshumana?
Que grito d'odio e sêde de vingança?...
Uma benção a Deus! uma esperança!

Rasga d'entre os tormentos a esperança...
Dos corações partidos nasce um lirio...
Ó victoria do Amor, da confiança,
Sobre a Dôr, que se estorce em seu delirio!...
A mente do homem, essa, não se cança...
Sob o açoute, no circo, no martyrio...
E o escravo, sem pão, lar nem cidade,
*Crê*... sonha um culto, um Deus — a Liberdade!

Flôr com sangue regada... e linda e pura!
Olho de cego... que adivinha a aurora!
Oh! mysterio do amor! que á formosura
Exceda muito o feio... quando chora!
Vêde, ó astros do céo, o que a tortura
Espreme da alma triste, em cada hora...
O Ideal — que em peito escuro medra,
Bem como a flôr do musgo sobre a pedra!

Por que se soffre é que se espera... e tanto
Que as dôres são os nossos diademas.
O olhar do homem que supplíca é santo
Mais que os lumes do céo, divinas gemmas.
Desgraças o que são? o que é o pranto?
Se a flôr da Fé nas solidões extremas
Brotar, e a crença bafejar a vida...
É nossa, é nossa a Terra-promettida!

V

Ó Ideal! se é certo o que nos dizem,
Que é para ti que vamos, n'este escuro...
Se os que luctam e choram e maldizem
Hão-de inda abençoar-te no futuro...
Se ha-de o mal renegar-se, e se desdizem
Ainda os Fados seu tremendo auguro...
E um dia havemos vêr, cheios d'espanto,
Deus descobrir-se d'este negro manto...

Se o Destino impassivel ha-de, uma hora,
Descruzar os seus braços sobre o mundo,
E a sua mão rasgar os véos da aurora,
Que, alfim, luza tambem no nosso fundo...
Se ha-de seccar seu pranto o olhar que chora,
E exultar inda o insecto mais immundo,
Mostrando o céo, á luz d'estranho dia,
As constellações novas da Harmonia...

Ah! que se espera então? O sangue corre,
Corre em ribeiras sobre a terra dura...
Não ha já fonte, n'esse chão, que jorre
Senão lagrimas, dôr, e desventura...
O ultimo lirio, a Fé, seccou-se... morre!...
Se não é esta a hora da ventura,
Do resgate final dos padecentes,
Por que esperaes então, céos inclementes?

Sim! por que é que esperaes? Tem-se soffrido,
Temos soffrido muito, muito! e agora
Desceu o fel ao coração descrido,
Vem já bem perto nossa extrema hora...
Abale-se o universo commovido!
Deixe o céo radiar a nova aurora!
Que os peitos soltem o seu longo *emfim!*
E o olhar de Deus na terra escreva: Fim!

Fim d'esta provação, fim do tormento,
Mas da verdade, mas do bem, *começo!*
Erga-se o homem, atirando ao vento
O antigo Mal, com tragico arremesso!
Na nossa tenda tome Deus assento,
Mostre seus cofres, seus coraes de preço,
Que se veja a final quanto guardava
Para o resgate d'esta raça escrava!

Escrava? escrava que já parte os ferros!
Eu creio no destino das nações:
Não se fez para dôr, para desterros,
Esta ancia que nos ergue os corações!
Hão-de ter fim um dia tantos erros!
E do ninho das velhas illusões
Ver-se-ha, com pasmo, erguer-se á immensidade
A aguia esplendida e augusta da Verdade!

## VI

Se um dia chegaremos, nós, sedentos,
A essa praia do eterno *mar-oceano,*
Onde lavem seu corpo os pustulentos,
E farte a sêde, emfim, o peito humano?
Oh! diz-me o coração que estes tormentos
Chegarão a acabar: e o nosso engano,
Desfeito como nuvem que desanda,
Deixará vêr o céo de banda a banda!

Felizes os que choram! alguma hora
Seus prantos seccarão sobre seus rostos!
Virá do céo, em meio d'uma aurora,
Uma aguia que lhes leve os seus desgostos!
Ha-de alegrar-se, então, o olhar que chora...
E os pés de ferro dos tyrannos, postos
Na terra, como torres, e firmados,
Se verão, como palhas, levantados!

Os tyrannos sem conto — velhos cultos,
Espectros que nos gelam com o abraço...
E mais renascem quanto mais sepultos...
E mais ardentes no maior cansaço...
Visões d'antigos sonhos, cujos vultos
Nos opprimem ainda o peito lasso...
Da terra e céo bandidos orgulhosos,
Os Reis sem fé e os Deuses enganosos!

O mal só d'elles vem — não vem do Homem.
Vem dos tristes enganos, e não vem
Da alma, que elles invadem e consomem,
Espedaçando-a pelo mundo além!
Mas que os desfaça o raio, mas que os tomem
As auroras, um dia, e logo o Bem,
Que encobria essa sombra movediça,
Surgirá, como um astro de Justiça!

E, se cuidas que os vultos levantados
Pela illusão antiga, em desabando,
Hão-de deixar os céos despovoados
E o mundo entre ruinas vacillando;
Esforça! ergue teus olhos magoados!
Verás que o horisonte, em se rasgando,
É por que um céo maior nos mostre — e é nosso
Esse céo e esse espaço! é tudo nosso!

É nosso quanto ha bello! A Natureza,
Desde aonde atirou seu cacho a palma,
Té lá onde escondidos na frieza
Vegeta o musgo e se concentra a alma:
Desde aonde se fecha da belleza
A abobada sem fim — té onde a calma
Eterna gera os mundos e as estrellas,
E em nós o Empireo das idéas bellas!

Templo de crenças e d'amores puros!
Communhão de verdade! onde não ha
Bonzo á porta a estremar *fieis* e *impuros*,
Uns para a *luz*... e os outros para *cá*...
Alli parecerão os mais escuros
Brilhantes como a face de Jehová,
Commungando no altar do coração
No mesmo amor de pai e amor d'Irmão!

Amor d'Irmão! oh! este amor é dôce
Como ambrosia e como um beijo casto!
Orvalho santo, que chovido fosse,
E o lirio absorve como ethereo pasto!...
Diluvio suave, que nos toma posse
Da vida e tudo, e que nos faz tão vasto
O coração minguado... que admira
Os sons que solta esta celeste lyra!

Só elle póde a ara sacrosanta
Erguer, e um templo eterno para todos...
Sim, um eterno templo e ara santa,
Mas com mil cultos, mil diversos modos!
Mil são os fructos, e é só uma a planta!
Um coração, e mil desejos doudos!
Mas dá lugar a todos a Cidade,
Assente sobre a rocha da Igualdade.

É d'esse amor que eu fallo! e d'elle espero
O dôce orvalho com que vá surgindo
O triste lirio, que este solo austero
Está entre urze e abrolhos encobrindo.
D'elle o resgate só será sincero...
D'elle! do Amor!... em quanto vaes abrindo,
Sobre o ninho onde choca a Unidade,
As tuas azas d'aguia, ó Liberdade!

1865.

## III

# A Idéa

### I

Pois que os deuses antigos e os antigos
Divinos sonhos por esse ar se somem...
E á luz do altar-da-fé, em Templo ou Dolmen,
A apagaram os ventos inimigos...

Pois que o Sinay se enubla, e os seus pascigos,
Seccos á mingua d'agua, se consomem...
E os prophetas d'outr'ora todos dormem,
Esquecidos, em terra sem abrigos...

Pois que o céo se fechou, e já não desce
Na escada de Jacob (na de Jesus!)
Um só anjo que aceite a nossa prece...

É que o lirio da Fé já não renasce:
Deus tapou com a mão a sua luz,
E ante os homens velou a sua face!

II

Pallido Christo, ó conductor divino!
A custo agora a tua mão tão dôce
Incerta nos conduz, como se fosse
Teu grande coração perdendo o tino...

A palavra sagrada do destino
Na bocca dos oraculos seccou-se;
E a luz da *sarça-ardente* dissipou-se
Ante os olhos do vago peregrino!

Ante os olhos dos homens — porque o mundo
Desprendido rolou das mãos de Deus,
Como uma cruz das mãos de um moribundo!

Porque já se não lê Seu nome escripto
Entre os astros — e os astros, como atheus,
Já não querem mais lei que o infinito!

III

Força é pois ir buscar outro caminho!
Lançar o arco de outra nova ponte
Por onde a alma passe — e um alto monte
Aonde se abra á luz o nosso ninho.

Se nos negam aqui o pão e o vinho,
Ávante! é largo, immenso esse horisonte...
Não, não se fecha o mundo! e além, defronte,
E em toda a parte, ha luz, vida e carinho!

Ávante! os *mortos* ficarão sepultos...
Mas os vivos que sigam — sacudindo,
Como pó da estrada, os velhos cultos!

Dôce e brando era o seio de Jesus...
Que importa? havemos de passar, seguindo,
Se além do seio d'elle houver mais luz!

## IV

Conquista pois sósinho o teu Futuro,
Já que os celestes guias te hão deixado,
Sobre uma terra ignota abandonado,
Homem — proscripto rei — mendigo escuro —

Se não tens que esperar do céo (tão puro
Mas tão cruel!) e o coração magoado
Sentes já de *illusões* desenganado,
Das illusões do antigo amor perjuro;

Ergue-te, então, na magestade estoica
De uma vontade solitaria e altiva,
N'um esforço supremo de alma heroica!

Faze um templo dos muros da cadêa...
Prendendo a immensidade eterna e viva
No circulo de luz da tua Idéa!

V

Mas a Idéa quem é? quem foi que a viu,
Jámais, a essa encoberta peregrina?
Quem lhe beijou a sua mão divina?
Com seu olhar de amor quem se vestiu?

Pallida imagem que a agua de algum rio,
Reflectindo, levou... incerta e fina
Luz que mal bruxulêa pequenina...
Nuvem que trouxe o ar... e o ar sumiu...

Estendei, estendei-lhe os vossos braços,
Magros da febre de um sonhar profundo,
Vós todos que a seguis n'esses espaços!

E, em tanto, ó alma triste, alma chorosa,
Tu não tens outra amante em todo o mundo
Mais que essa fria virgem desdenhosa!

*

VI

Outra amante não ha! não ha na vida
Sombra a cobrir melhor nossa cabeça...
Nem balsamo mais dôce que adormeça
Em nós a antiga, a secular ferida!

Quer fuja esquiva, ou se offereça erguida
Como quem sabe amar e amar confessa...
Quer nas nuvens se esconda ou appareça,
Será sempre ella a *esposa-promettida!*

Nossos desejos para ti, ó fria,
Se erguem bem como os braços do proscripto
Para as bandas da patria, noite e dia...

Pódes fugir... nossa alma, delirante,
Seguir-te-ha através do infinito,
Até voltar comtigo, triumphante!

VII

Oh! o noivado barbaro! o noivado
Sublime! aonde os céos, os céos ingentes
Serão leito de amor — tendo pendentes
Os astros por docel e cortinado!

As bodas do Desejo, embriagado
De ventura, a final! visões ferventes
De quem nos braços vai de ideaes ardentes
Por espaços sem termo arrebatado!

Lá, por onde se perde a phantasia
No sonho das bellezas — lá, aonde
A noite tem mais luz que o nosso dia,

Lá, no seio da eterna claridade,
Aonde Deus á humana voz responde,
É que te havemos abraçar, Verdade!

VIII

Lá! Mas aonde é *lá?* Aonde? — Espera,
Coração indomado! O céo, que ancêa
A alma fiel, o céo, o céo da Idéa,
Em vão o buscas n'essa immensa esphera!

O espaço é mudo — a immensidade austera
Debalde noite e dia se incendêa...
Em nenhum astro, em nenhum sol se altêa
A rosa ideal da *eterna primavera!*

O Paraiso e o templo da Verdade,
Ó mundos, astros, soes, constellações!
Nenhum de vós o tem na immensidade...

A Idéa, o summo Bem, o Verbo, a Essencia,
Só se revela aos homens e ás nações
No céo incorruptivel da Consciencia!

1864 — 1871.

## IV

# Pater

(A ABILIO GUERRA JUNQUEIRO)

### I

Já que os vejo passar assim altivos
E cheios de vangloria, como quem
Ao peito humano deu a luz que tem,
E a nossos corações os lumes vivos;

Já que os vejo, assentados na cadeira
Da prudencia, fallar com voz segura,
Dar-se em adoração á gente escura
E doutrinar d'alli á terra inteira;

Já que os vejo, co'a mão que *ata* e *desata*,
Entre os homens partir o mundo todo
E todo o céo — e dar a este o lodo,
E áquelle o reino de saphira e prata;

Dizer a uns — fallai! e pôr na bocca
Dos outros a mordaça da doutrina;
Dar a estes a espada de aço fina,
E, *ao resto*, pôr-lhe á cinta a estriga e a roca;

Já que os vejo fazer a noite e o dia
Com o abrir e fechar dos olhos baços;
E pretender que o Sol lhes segue os passos,
E em seus sermões aprende a harmonia;

Dispor do céo como de casa sua,
A que pozessem Deus como porteiro;
E receber com rosto prazenteiro
Este — e áquelle deixal-o ahi na rua;

Eu quero perguntar aos Zoroastros
Do pôr-do-sol, videntes do passado,
Que medem, pelo rythmo compassado
De seus passos, o gyro aos grandes astros:

Eu quero perguntar aos Sacerdotes,
Que, chamando *rebanho* a seus irmãos,
Cuidam que Deus lhes cabe em duas mãos,
E todo o céo debaixo dos capotes:

Quero-os interrogar — porque, em verdade,
Se saiba qual mais val, se o *pau* se a *cruz?*...
Se o sol ao cirio deu a sua luz,
Ou deu o cirio ao sol a claridade?...

Se a cupula do Céo teve modêlo
Na cupula da Igreja? e se as estrellas,
Para alcançar licença de ser bellas,
Foram pedir a alguem o santo-sello?

Se foi Deus, quando o sol sahiu do abysmo,
Que á luz do infinito o baptisou;
Ou se algum bispo foi que o sustentou,
Inda infante, nas fontes do baptismo?

Se ha quem tenha na terra monopolio
Do cambio-livre, que se chama Idéa?
Se a Verdade não vale um grão de arêa
Sem que, antes, a baptise o santo-oleo?

Se terá mais commercio co'as estrellas
O velho livro ou o novo coração?
Quem vai mais perto — a fórma ou a inspiração —
Das grandes cousas e das cousas bellas?

Que, n'esta confusão, n'estas desordens,
Se veja, emfim, bem claro, á luz dos céos,
Se o Messias nasceu entre os Judeus,
Ou se, quando nasceu, já tinha *ordens?*

Sim! que a final se saiba tudo isto,
E se veja o caminho aonde vamos.
Vêr e saber — para que em fim possamos
Escolher entre o Padre e entre o Christo.

II

*Padre?!* Padre... é o *Pai* — só — que nos cobre,
E a todos com a mão afaga e amima,
E em meio do caminho nos anima,
E vai comnosco — o que está *sob e sobre.*

O que escreve o Evangelho cada dia
Em nossos corações — e em cada hora,
A quanto olhar se eleva e mudo adora,
Diz a eterna missa da Harmonia.

O que veste a estola do infinito
Para deitar a grande benção — Vida —
E reza, lendo em pagina fulgida,
O que em letra de estrellas anda escripto.

É quanto d'elle falla — o livre oceano,
O psalmista das vastas solidões;
O que desenha a voz das orações
Sobre a tela do côro soberano.

Padres, o mar e o céo — apostolando
A Terra sempre crente e sempre nova:
Um — que a força da crença lhe renova...
O outro — o que está Deus sempre amostrando.

A aurora é o *sursum-corda* do Universo;
A luz é *oremus,* por que é hostia o Sol;
Quanto abre o olhar aos raios do arrebol
Eis o povo-christão ahi disperso.

Quando as flôres, que se abrem, são espelhos...
E a hervinha é berço, e berços os rosaes...
Quando são as florestas cathedraes...
Eis ahi outros tantos Evangelhos!

O cedro na montanha apostolisa;
O vento préga ás livres solidões;
As estrellas do céo são orações,
E o amor, no coração, evangelisa!

O Amor! o evangelista soberano!
Para quem não ha tarde nem aurora!
O que sobe a prégar, a toda a hora,
Ao pulpito-da-fé... o peito humano!

De dous raios de uns olhos bem-amados
É que se faz a cruz que nos converte;
E a palavra, que a crença ás almas verte,
Faz-se essa de suspiros abafados.

Esse é o Confessor que absolve — e tem
Sempre o perdão comsigo e a paz radiante...
Ou n'uns labios bem tremulos de amante,
Ou n'uns olhos bem humidos de mãi.

Homens, olhai — que o seio maternal,
Em se abrindo, é o livro aonde Deus
Escreve, com a luz que vem dos céos,
A eterna Biblia, a unica immortal!

Cada labio de mãi escreve um psalmo
Na fronte do filhinho, em o beijando...
Nem ha santo que tenha, radiando,
Uma aureola assim de brilho calmo!

Esses são Padres — porque são os Paes —
Os que do amor nos baptisaram na agua...
Os que, inclinados sobre a nossa magoa,
Bebem em nosso peito os nossos ais.

É tudo que tem voz que se ouça ao longe,
E coração tamanho como a esphera:
A voz do inverno e a voz da primavera...
E a voz do peito humano... o grande *monge*.

Sim, monge! *triste e só* — porque o devora
A vaga nostalgia do deserto;
E vela a noite, e vai sempre desperto
A olhar de que banda venha a aurora.

Padre... o Espirito! o que anda em nós—o auguro,
Que n'alma traça o circulo divino;
A Cumana, que em verso sibyllino
Dicta aos homens os cantos do futuro.

Vós, Poetas, vós sois tambem sibyllas,
Que adivinhaes e andaes com voz fremente
Sempre a gritar — ávante! ávante! á gente,
Por cidades, por montes e por villas.

Vós sois os prégadores do Ideal,
Que lançaes a *palavra* aos quatro ventos:
A tribu de Levi, que em mil tormentos
Guarda a Arca, dos filhos de Baal.

Sim, Padre! o poeta crente, que alevanta,
Como hostias, as almas para os céos!
O prégador, que falla, em quanto Deus
Lhe arma de corações tribuna santa.

Os que na frente vão, bradando — álerta!
Sentinellas perdidas do futuro...
Os que o clarim do abysmo, pelo escuro,
Faz em sonhos tremer, e emfim desperta.

A cohorte dos pallidos proscriptos,
Que tem nos rostos estampada a fome;
Que, em quanto o frio os roe e os consome,
Trazem no coração deuses escriptos.

Os heroes que, com pulsos algemados,
Vão ao mundo prégando a liberdade—
Astros, a quem se nega a claridade...
Nas trevas dos ergastulos cerrados.

Que—em quanto os pés na terra, em corrupio,
Lhes fogem—impassiveis, firmes, altos,
Meditam, sem temor nem sobresaltos,
Riscando as sociedades no vazio.

Que—em quanto a *Lei* os tem em fundas covas,
Como traidores, impíos, embusteiros—
Sobre esse mesmo chão dos captiveiros
Semeiam a seara das leis novas.

Os inventores, que, soltando ais,
Deixam das mãos cahir obras gigantes;
E riscam templos sobre os céos distantes...
Assentados á porta de hospitaes!

Quem a estes lhes deu suas Missões
Foi o alto Messias — soffrimento —
Por que possam o Verbo, o pensamento,
Abaixar sobre a fronte ás multidões.

Foi o Espirito, o fogo encandescente,
Que os baptisou ao lume da Idéa,
Por que possam pegar no grão de arêa,
E mudal-o n'um astro reluzente...

Que elles fazem milagres — desde o espaço
Galgado já e unificada a terra,
Té aos irmãos, ha tanto tempo em guerra,
Que, a final, já se estreitam n'um abraço:

Desde a lepra, dos corpos, e os abrolhos,
Dos montes, arrancados... desde as flammas
Tiradas ao trovão... té ás escamas
Arrancadas aos *cegos* de seus olhos:

Elles fazem do mundo eucharistia,
Onde vêm ter os povos communhão;
E, do genio assoprando-lhe o clarão,
Fazem da noite humana immenso dia.

Fazem nascer, por entre espinhos bravos,
Flôres, a um lado, e ao outro lado, fructos;
E os novos risos, dos antigos lutos,
E a liberdade, em corações escravos!

Pois, se são operarios do futuro,
Semeadores da seara nova,
Que lançam uma idéa em cada cova,
Da dura historia sobre o chão escuro;

Se vão na frente, e a bussola que os leva,
Para o pólo de Deus se inclina e pende;
Buscando o *continente* que se estende
Além do soffrimento e além da treva;

Se a cada voz de guerra dizem — *basta!*
Lançando-se entre os ferros dos irmãos;
E exclamam — *ainda!* — pondo as mãos,
A cada voz de amor serena e casta;

São os grandes prophetas da consciencia;
Biblias que o povo com a mão folheia;
Revеladores santos da Idéa,
Que, em cada hora, vão furtando á Essencia:

São milicia sagrada — são cohortes
Do céo, passando aqui — são missionarios
Amostrando Jesus aos homens varios...
Ajudam pois a Deus! são sacerdotes!

III

Ahi tendes os *Padres!* que nos cobrem
Nossas frontes do mal, e nos desvendam
Os olhos por que vejam, amem, entendam...
Não os que o sol co'as capas nos encobrem!

A Igreja dera o Inferno ao triste *réo*
(Que beijo maternal! e que olhar terno!)
Mas Dante, a pé enxuto, passa o Inferno,
Para, chegando á porta, bradar *céo!*

Desde essa hora... *acabou!* abriu-se a porta!
Os condemnados ruem para fóra!
O que era multidão ainda agora...
Tornou-se solidão deserta e morta.

Inda ás vezes os vemos ir na praça...
Mas no labio morreu-lhes a *palavra!*
O incendio agora de outra banda lavra...
São como os restos de uma extincta raça.

Quando se ergue a um lado o olhar pasmado
Das gentes, que já cuidam enxergar
D'essa banda do céo Deus assomar...
Heis de vêl-os olhar o opposto lado!

E quando as mães lhes vêm beijar os pés,
Erguendo um filho, como um raio a estrella,
Olhando o innocente e a mãi bella,
Não têm mais benção do que *pulvis es!*

E, quando de uma amante o olhar velado
Se encontra, acaso, com o seu, passando,
Não tem aquelle espectro miserando
Melhor saudação do que *peccado!*

Se o seculo se atira, como onda,
Á praia do futuro, nos espaços,
Cuidaes acaso que lhe siga os passos?
Não! o *mocho* não tem onde se esconda!

IV

Porque, pois, traz da sombra ides correndo,
Homens, que a *luz* no berço baptisára?
Quando correis assim viraes a cara...
Pelas costas o sol vos vem nascendo!

Ó vós!—se ides em busca da Verdade!—
Olhai bem... que essa mão, que assim vos leva,
Bem póde ser que seja toda treva,
Quando se acclama toda claridade!

V

Quando a sêde nos secca o paladar,
E o sol a pino o peito nos esmaga,
Se emfim se chega á praia, junto á vaga,
Quem hesita entre a arêa e entre o Mar?

. . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . .

. . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . .

. . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . .

. . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . .

Deitai-vos a nadar, homens! e vêde
Que a onda é que se chama liberdade!
O Dogma é a arêa, apenas — a verdade
É esse o Mar — que o Mar nos mate a sêde!

1864.

## V

# Vida

(A UNS POLITICOS)

Por que é que combateis? Dir-se-ha, ao vêr-vos,
Que o Universo acaba aonde chegam
Os muros da cidade, e nem ha vida
Além da orbita onde as vossas giram,
E além do Forum já não ha mais mundo!

Tal é o vosso ardor! tão cegos tendes
Os olhos de mirar a propria sombra,
Que dir-se-ha, vendo a força, as energias
Da vossa vida toda, accumuladas

Sobre um só ponto, e a ancia, o ardente vórtice,
Com que giraes em torno de vós mesmos,
Que limitaes a terra á vossa sombra...
Ou que a sombra vos toma a terra toda!
Dir-se-ha que o oceano immenso e fundo e eterno,
Que Deus ha dado aos homens, por que banhem
O corpo todo, e nadem á vontade,
E voguem a sabor, com todo o rumo,
Com todo o norte e vento, vão e percam-se
De vista, no horisonte sem limites...
Dir-se-ha que o mar da vida é gota d'agua
Escassa, que nas mãos vos ha cahido,
De avara nuvem que fugiu, largando-a...
Tamanho é o odio com que a uns e a outros
A disputaes, temendo que não chegue!

Homens! para quem passa, arrebatado
Na corrente da vida, n'essas aguas
Sem limites, sem fundo—ha mais perigo
De se afogar, que de morrer á sêde!

De que val disputar o espaço estreito,
Que cobre a sombra da arvore da patria,
Quando são vossos cinco continentes?
De que val apinhar-se junto á fonte
Que—fininha—brotou por entre as urzes,

Quando ha sete mil ondas por cada homem?
De que val digladiar por uma fita,
Que mal cobre um botão, quando estendida
Deus poz sobre a cabeça de seus filhos
A tenda, de ouro e azul, do firmamento?
De que val concentrar-se a vida toda
N'uma paixão apenas, quando o peito
É tão rico, que basta dar-lhe um toque
Por que brotem, aos mil, os sentimentos?!

Oh! a vida é um abysmo! mas fecundo!
Mas immenso! tem luz — e luz que cegue,
Inda a aguia de Páthmos — e tem sombras
E tem negrumes, como o antigo Cháos:
Tem harmonias, que parecem sonhos
De algum anjo dormido; e tem horrores
Que os nem sonha o delirio!

E immensa a vida,
Homens! não disputeis um raio escasso,
Que vem d'aquelle sol; a tenue nota,
Que vos chega d'aquellas harmonias;
A penumbra, que escapa áquellas sombras;
O tremor, que vos vem d'esses horrores.
Sol e sombras, horror e harmonias,
De quem é isto, se não é do homem?!

Não disputeis, curvado o corpo todo,
As migalhas da mesa do banquete:
Erguei-vos! e tomai lugar á mesa...

Que ha lugar no banquete para todos:
Que a vida não é atomo tenuissimo,
Que um feliz apanhou, no ar, voando,
E guardou para si, e os outros, pobres,
Desherdados, invejam—é o ar todo,
Que respiramos; e esse, inda mais livre,
Que nos respira a alma—a terra firme,
Onde pomos os pés, e o céo profundo
Aonde o olhar erguemos—é o immenso,
Que se infiltra do atomo ao colosso;
Que se occultou aqui, e além se mostra;
Que traz a luz dourada, e leva a treva;
Que dá raiva ás paixões, e unge os seios
Com o balsamo do amor; que ao vicio, ao crime,
Agita, impelle, anima, e que á virtude
Lá dá consolações—que beija as frontes
De povo e rei, de nobre e de mendigo;
E embala a flôr, e eleva as grandes vagas;
Que tem lugar, no seio, para todos;
Que está no rir, e está tambem nas lagrimas,
E está na bacchanal como na prece!...

Eis a Vida! o festim que Deus, no mundo,
Para os homens armou! para seus filhos!
Fórma mais pura do Universo augusto!
Da lyra universal nota mais alta!
Do chão do infinito seara ardente!
Quando os orbes de luz, que andam na altura,
Sentem a face, ás vezes, ennublar-se
E o seio lhes revolve intima magoa,
É que n'essa hora uma ancia de venturas,
De amor mais vasto, de mais bella fórma,
Uma aspiração vaga os acommette...
Pedem a Deus que estenda a mão piedosa
E os erga a luz maior, á luz do espirito,
E tem inveja ao homem, porque *vive!*
Da arvore do Eterno pendem fructos,
E fructos aos milhões—estrellas, astros,
Fórmas e creações que nem se sonham—
Mas só onde seus ramos se mergulham
No espirito vital do infinito,
Só onde o ar purissimo do Bello
Lhe beija as franças ultimas—sómente
Lá se abre o lirio augusto, o lirio unico,
A flôr dos mundos, que se chama Vida!

Inundação de crenças... e diluvio
De duvidas fataes! hymno de glorias...
E rugido feroz! Se és fera, toma

A parte dos rugidos — e, se és homem,
Ergue ao céo tua face, e entôa os hymnos!
Se ha valor em teu peito, corta as aguas,
Nadando, d'esse mar de infindas duvidas:
Ergue-te, lucta, arqueja, precipita-te,
Deixa as ondas lavar-te o corpo, ou dar-te
A pancada da morte — mas sê homem!
Sê grande sempre! e, ou Satan ou Anjo,
Blasphema ou exulta... mas não desças nunca!

Porque descer é morte, é sombra, é nada!
É a pedra que dorme: é lodo escuro
Que sombrio fermenta! A alma, se é espirito,
É por que á farta possa encher, crescendo,
O espaço todo e todo o ar infindo!
E, bella ou triste, horrivel ou sublime,
Santa ou maldita, a vida é sempre *grande!*

Rocha por onde os tempos vão seguindo
No caminho que os leva ao infinito...
É tão vasta, que os seculos marchando
Com passos de gigante, ha milhões de evos,
Não poderam ainda vêr-lhe o termo,
Não poderam gastal-a um pouco, apenas!
É tão fundo esse mar, é tão fecundo,
Que os homens todos, que ha milhões de seculos

Nascem da espuma e vem encher as praias,
Bebendo a longos tragos, não poderam
Fazel-o inda baixar, sequer um palmo!

..............................

E não vos chega para vós? Os tempos
Deixaram cheia aquella taça immensa...
E estes tres homens já lhe vêem o fundo!
As idéas serenas e os combates
Da eterna liberdade; o amor e as luctas
E as dôres da verdade; as dôces lagrimas
E os rugidos altivos; o que os sabios
Nos ensinam, e quanto o olhar ingenuo
Da mulher nos revela — tudo, tudo,
Tudo isto, nos banquetes da existencia,
É um bocado apenas para a bocca
D'estes Titans immensos... de seis palmos!

..............................

Porque é que combateis? O mundo é vasto!
Dá para todos — todos, no seu pano,
Podem talhar á farta e á larga um manto
Com que cobrir-se... e que inda arraste... É vasto!
Erguei sómente os olhos! alongai-os
Pelo horisonte! e, além d'esse horisonte,
Ha mil e mil como este!

Se vós tendes
O olhar fito nos pés, aonde a sombra

---

Em volta de vós mesmos gira apenas,
O que podeis saber d'esse Universo?!
Não ha olhos que contem tantos orbes!
E cada um d'esses mundos tem mil vidas!
E cada vida tem milhões de affectos,
De paixões, de energias, de desejos!
Cada peito é um céo de mil estrellas!
Cada ser tem mil seres! mil instantes!
E, em cada instante, as creações transformam-se!
E cousas novas a nascerem sempre!

Descei, descei o olhar ao proprio seio!
Como n'um espelho, esse Universo todo
Reflecte-se lá dentro! é como um cháos
Donde, ao *fiat* ardente da vontade,
Podem surgir as creações aos centos.
Podeis tirar d'ahi a luz e a treva!
Podeis tirar o bem, e o mal, e o justo,
E o iniquo, e as paixões torvas da terra,
E os desejos do céo!

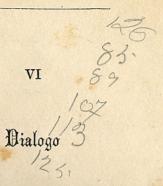
Pois não vos chega?

Assim queiraes viver, que ha muita vida!
. . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . .

Alexandre! Alexandre! és tu que choras
Não haver já mais mundo que conquistes...
E sahes d'aqui, ó triste! sem ao menos
Ter olhado uma vez dentro em tua alma!
Alexandres inglorios! toda a terra
Acabou, onde a vista vos alcança!
Correis... correis... correis... atraz de um atomo...
E ides deixando, ao lado, os universos!
.....................................
Mas vós não vedes nada d'isto! nada!
E quereis aos homens ensinar a vida?!

1863.

VI

# Dialogo

A cruz dizia á terra onde assentava,
Ao valle obscuro, ao monte aspero e mudo:
—Que és tu, abysmo e jaula, aonde tudo
Vive na dôr, e em lucta cega e brava?

Sempre em trabalho, condemnada escrava,
Que fazes tu de grande e bom, comtudo?
Resignada, és só lôdo informe e rudo;
Revoltosa, és só fogo e horrida lava...

Mas a mim não ha alta e livre serra
Que me possa igualar!... amor, firmeza,
Sou eu só: sou a paz, tu és a guerra!

Sou o espirito, a luz!... tu és tristeza,
Ó lôdo escuro e vil!—Porém a terra
Respondeu: Cruz, eu sou a natureza!

1870.

## VII

# Luz do sol, luz da razão

(RESPOSTA Á POESIA DE JOÃO DE DEUS, «LUZ DA FÉ»)

Tu, sol, é que me alegras!
A mim e ao mundo. A mim...
Que eu não sou mais que o mundo,
Nem mais que o céo sem fim...

Nem fecho os olhos baços
Só porque os fere a luz...
Ergo-os a cima — e embora
Cegue, recebo-a a flux!

*

Crepusculos são sonhos...
E sonhos é morrer...
Sonhar é para a noite:
Mas para o dia, vêr!

Sim, vêr com os olhos ambos,
Com ambos devassar
Os astros n'essa altura,
E os deuses sobre o altar!

Vêr onde os pés firmamos,
E erguemos nossas mãos!
E quer nos montes altos,
Quer nos terrenos chãos,

É sempre amiga a terra
E é sempre bom viver,
Se a terra á luz da aurora
E a vida ao amor se erguer!

Em toda a parte as ondas
D'esse infinito mar,
Por mais que andemos longe,
Nos podem embalar!

Em toda a parte o peito
Sente brotar a flux,
E sempre e á farta, a vida...
Vida — calor e luz!

Nos seixos d'essas praias,
Se o sol lá lhes bater,
N'um atomo de arêa,
Deus póde apparecer!

Bata-lhe o sol de chapa,
E um deus se vê tambem
No pó, tornado um astro
Como esses que o céo tem!

Desprezos para a terra?!
Tambem a terra é céo!
Tambem no céo a impelle
O amor que a suspendeu...

E quem lá d'esse espaço
Brilhar ao longe a vir
Dirá que é paraiso
E um eden a sorrir!

*Em baixo!* o que é *em baixo?*
Em baixo estar que tem?
Ninguem á eterna sombra
Nos condemnou! ninguem!

Se até nos surdos antros,
Nas covas dos chacaes,
Penetra o sol, vestindo-os
Com raios triumphaes!

Se ao céo até se viram
As boccas dos vulcões...
E têm os proprios cegos
Um céo... nos corações!

Não! não ha *céo e inferno:*
Divino é quanto é!
Para que a rocha brilhe,
Basta que o sol lhe dê...

Basta que o sol lhe beije
As chagas que ella tem,
E a morta d'essa altura,
A lua, é sol tambem!

E as trevas da nossa alma,
A nossa cerração,
Oh! como as desbarata
A aurora da razão!

Mas se a razão, surgindo,
Nossa alma esclareceu,
Tambem tu, sol, no espaço
Surges, razão do céo...

Por isso é que me alegras,
Ó luz, o coração!
Por isso vos estimo...
Tu, sol, e tu, razão!

1865.

## VIII

# Et cœlum et virtus

(A JAYME BATALHA REIS)

Dizem prophetas, que esse céo perscrutam,
Que, ás noites, entre as trevas condensadas,
Se tem visto brilhar igneas espadas,
Como d'anjos hostis que entre si luctam...

E dizem que, na orla do infinito,
Entre os astros, se vê errar sem tino
Um espectro que traz fulgor divino,
Como o vulto d'um deus triste e proscripto...

Entre os soes passa o espectro gemebundo,
Murmurando *morramos!* aos soes vivos,
E empana o brilho aos astros primitivos
De sua bocca o alento moribundo...

Onde passou fez-se silencio e escuro.
Seu manto sepulcral varre os espaços,
E arrasta, entre os celestes estilhaços,
A crença antiga e os germens do futuro!

Ó crença antiga! ó velho firmamento!
Como as almas vacillam e baqueiam!
E as lucidas pleiadas volteiam,
Como a poeira que levanta o vento!

.................................
.................................

Mas quando o largo céo da crença avita
Desaba com fragor e espanto e treva,
E a luz, a paz, a fé, tudo nos leva
Nas ruinas da abobada infinita;

Quando um sopro fatal nos *deuses vivos*
Toca e em cinzas desfaz seus frios vultos,
E se ergue aquella voz cheia de insultos
Que brada aos deuses pallidos: «sumi-vos!»

Homens de pouca fé! não tenhaes susto:
Fecunda é essa treva e essa ruina...
Palpita n'esse pó vida divina...
Rebentam fontes do areal adusto...

Sim, podeis crêr, ó gente pouco calma:
Não se aluiu no abysmo este universo,
Se entre as cinzas de Deus e o pó disperso
Ficou de pé, heroica e firme, uma alma!

Quem bem souber olhar verá no fundo
D'essa alma forte outro infinito erguer-se...
Em espaços ideaes verá mover-se
Um Deus sem nome, ignoto ao velho mundo...

Verá, do interno cháos, constellada,
Surgir creação nova e palpitante,
Ao sôpro ardente, á voz clara e vibrante
Do espirito de vida que alli brada...

Verá, por um céo novo, novos soes
Que em novo firmamento o vôo desprendem;
E astros de luz estranha, que se accendem
Na consciencia estrellada dos heroes!

1870.

# IX

## Tentanda via

### I

Com que passo tremente se caminha
Em busca dos destinos encobertos!
Como se estão volvendo olhos incertos!
Como esta geração marcha sósinha!

Fechado, em volta, o céo! o mar, escuro!
A noite, longa! o dia, duvidoso!
Vai o giro dos céos bem vagaroso...
Vem longe ainda a *praia do futuro*...

É a grande incerteza, que se estende
Sobre os destinos d'um porvir, que é treva...
É o escuro terror de *quem* nos leva...
O fructo horrivel que das almas pende!

A tristeza do tempo! o espectro mudo
Que pela mão conduz... não sei aonde!
—Quanto póde sorrir, tudo se esconde...
Quanto póde pungir, mostra-se tudo.—

Não é a grande lucta, braço a braço,
No chão da Patria, á clara luz da Historia...
Nem o gladio de Cesar, nem a gloria...
É um mixto de pavor e de cansaço!

Não é a lucta dos *trezentos bravos,*
Que o solo amado beijam quando cahem...
Crentes que traz um Deus, e á guerra sahem,
Por não dormir no leito dos escravos...

É a lucta sem gloria! é ser vencido
Por uma occulta, subita fraqueza!
Um desalento, uma intima tristeza
Que á morte leva... sem se ter vivido!

Não ha ahi pelejar... não ha combate...
Nem ha já gloria no ficar prostrado —
São os tristes suspiros do Passado
Que se erguem d'esse chão, por toda a parte...

É a saudade, que nos róe e mina
E gasta, como á pedra a gota d'agua...
Depois, a compaixão, a intima magoa
De olhar essa tristissima ruina...

Tristissimas ruinas! Entristece
E causa dó olhal-as — a vontade
Amollece nas aguas da piedade,
E, em meio do luctar, treme e fallece.

Cada pedra, que cahe dos muros lassos
Do tremulo castello do passado,
Deixa um peito partido, arruinado,
E um coração aberto em dous pedaços!

II

A estrada da vida anda alastrada
De folhas seccas e mirrhadas flôres...
Eu não vejo que os céos sejam maiores,
Mas a alma... essa é que eu vejo mais minguada!

Ah! via dolorosa é esta via!
Onde uma Lei terrivel nos domina!
Onde é força marchar pela neblina...
Quem só tem olhos para a luz do dia!

Irmãos! irmãos! amemo-nos! é a hora...
É de noite que os tristes se procuram,
E paz e união entre si juram...
Irmãos! irmãos! amemo-nos agora!

E vós, que andaes a dôres mais afeitos,
Que mais sabeis á Via do Calvario
Os desvios do giro solitario,
E tendes, de soffrer, largos os peitos;

Vós, que lêdes na noite... vós, prophetas...
Que sois os loucos... porque andaes na frente...
Que sabeis o segredo da fremente
Palavra que dá fé — ó vós, poetas!

Estendei vossas almas, como mantos
Sobre a cabeça d'elles... e do peito
Fazei-lhes um degrau, onde com geito
Possam subir a vêr os astros santos...

Levai-os vós á Patria-mysteriosa,
Os que perdidos vão com passo incerto!
Sêde vós a columna do deserto!
Mostrai-lhes vós a Via-dolorosa!

III

Sim! que é preciso caminhar ávante!
Andar! passar por cima dos soluços!
Como quem n'uma mina vai de bruços,
Olhar apenas uma luz distante!

É preciso passar sobre ruinas,
Como quem vai pisando um chão de flôres!
Ouvir as maldições, ais e clamores,
Como quem ouve musicas divinas!

Beber, em taça turbida, o veneno,
Sem contrahir o labio palpitante!
Atravessar os circulos do Dante,
E trazer d'esse *inferno* o olhar sereno;

Ter um manto da casta luz das crenças,
Para cobrir as trevas da miseria!
Ter a vara, o condão da fada aerea,
Que em ouro torne estas arêas densas!

E, quando, sem temor e sem saudade,
Poderdes, d'entre o pó d'essa ruina,
Erguer o olhar á cupula divina,
Heis de então vêr a *nova-claridade!*

Heis de então vêr, ao descerrar do escuro,
Bem como o cumprimento de um agouro,
Abrir-se, como grandes portas de ouro,
As immensas auroras do Futuro!

1864.

*

## X

# Mais luz!

(A GUILHERME D'AZEVEDO)

Lasst mehr Licht hereinkommen!
*Ultimas palavras de Gœthe.*

Amem a noite os magros crapulosos,
E os que sonham com virgens impossiveis,
E os que se inclinam, mudos e impassiveis,
Á borda dos abysmos silenciosos...

Tu, lua, com teus raios vaporosos,
Cobre-os, tapa-os, e torna-os insensiveis,
Tanto aos vicios crueis e inextinguiveis,
Como aos longos cuidados dolorosos!

Eu amarei a santa madrugada,
E o meio-dia, em vida refervendo,
E a tarde rumorosa e repousada.

Viva e trabalhe em plena luz: depois,
Seja-me dado ainda vêr, morrendo,
O claro sol, amigo dos heroes!

1872.

# LIVRO SEGUNDO

Ca he visto, dice, señor, nuevos yerros
La noche passada hacer los planetas,
Con crines tendidos arder los cometas
Y dar nueva lumbre las armas e hierros...
Ladrar sin herida los canes y perros,
Triste presagio hacer de peleas
Las aves noturnas y las funereas
Por essas alturas, collados y cerros!

JUAN DE MENA: *Laberinto.*

# I

## These e antithese

### I

Já não sei o que vale a nova idéa,
Quando a vejo nas ruas desgrenhada,
Torva no aspecto, á luz da barricada,
Como bacchante após lubrica cêa!

Sanguinolento o olhar se lhe incendêa...
Aspira fumo e fogo embriagada...
A deusa de alma vasta e socegada
Eil-a presa das furias de Medêa!

Um seculo irritado e truculento
Chama á epilepsia pensamento,
Verbo ao estampido de pelouro e obuz...

Mas a idéa é n'um mundo inalteravel,
N'um crystallino céo, que vive estavel...
Tu, pensamento, não és fogo, és luz!

II

N'um céo intemerato e crystallino
Póde habitar talvez um Deus distante,
Vendo passar em sonho cambiante
O Ser, como espectaculo divino:

Mas o homem, na terra onde o destino
O lançou, vive e agita-se incessante...
Enche o ar da terra o seu pulmão possante...
Cá da terra blasphema ou ergue um hymno...

A idéa incarna em peitos que palpitam:
O seu pulsar são chammas que crepitam,
Paixões ardentes como vivos soes!

Combatei pois na terra arida e bruta,
Té que a revolva o remoinhar da lucta,
Té que a fecunde o sangue dos heroes!

1870.

## II

# Secol' si rinuova

(AO SNR. J. P. OLIVEIRA MARTINS)

I

Não sei que pé, na estrada do Infinito,
Vai andando, não sei! mas as Cidades
E os Templos e, nos altos minaretes,
A Meia-Lua, e a Cruz nas altas torres,
E os Castellos antigos e os Palacios,
—Tudo quanto ahi estava edificado
E assente como a rocha sobre o monte—
Tudo sente pavor e se perturba
E tem tremor presago de ruina
E se escurece e teme...

Das alturas
Do passado, olha o abysmo do futuro

E, vendo-o a vez primeira tão cavado,
Tão livido por baixo e, por instantes,
Cortado de relampagos... ancêa
E tem vertigens de atirar-se ao pégo!

A ossada das Babeis do mundo antigo
Gemeu—e viu-se então esse esqueleto,
Á luz de incendio estranho, conchegando,
Como se fosse carne aos ossos, restos
Da mortalha de purpura d'outr'ora...
Mas os vermes roeram-lhe a mortalha
E bem se vê a ossada nua...

II

Ancêam
Por encobrir essa nudez aos olhos,
Ou por cegar então os olhos todos!

Porque se, um dia, os pés d'essas estatuas
Se virem ser de barro e não de bronze;
Se se vir que os *Jardins de Babylonia*

Estão suspensos por uns debeis fios,
E não assentes sobre pedra e abobada;
Se se vir que as columnas d'esse templo
Não são marmore rijo, mas formadas
De uns troncos velhos meios podres, e o Idolo
Se conhecer que já não faz milagres...
Em verdade, em verdade, que ha-de ouvir-se,
Sobre a face da terra, ao Sul e ao Norte,
Erguer-se, como o vento das tormentas,
E voar, como relampago nas ondas,
Bem estranho clamor — mixto de chóros
E imprecações e supplicas e brados
E odios, tudo a rugir!... e muita escama
Ha-de aos olhos cahir... e muita fronte
Que beija o pó ha-de entestar co'as nuvens!

Muito machado de aço, que anda agora
Cortando na floresta o cedro e o sandalo
Para a pyra dos Idolos, quem sabe
Se não ha-de voltar talvez o gume
Contra esses pés myrrhados do esqueleto?
Muitos braços, que puxam hoje ao carro,
Quem nos diz que não hão-de, emfim quebrando
As algemas servis, precipital-o?
E muitas postas mãos em prece humilde,
Talvez erguer-se e dar na cara ao morto?
E muito labio, que murmura a supplica,

Abrir-se emfim para escarrar o ultraje?
E muito olhar tremente soltar chammas?
E muitos curvos hombros, que acarretam
O ouro em pó e incenso e myrrha, ainda
Quem o sabe? talvez ir-se de encontro
Á base da estatua — e derrocal-a?

III

Eu tenho visto a pedra, desprendida
Da montanha, levar meia floresta
Na carreira — e não ha-de esse granito
Colossal, que é o Povo, despregado
Por mãos do tempo, com trabalho immenso,
Ao rolar no declive da historia
Esmagar, ao correr, os troncos seccos
E o myrrhado ossuario do passado?
Não ha-de o solo heroico, que se agita,
Lançar ao ar castellos e cidades?
Ha-de abrir-se o vulcão só por que atire
Um só jacto de fumo e cinza apenas?
E a alma dos homens ha-de entrar nas dôres
De um parto crudelissimo, e volver-se
N'um leito de torturas, por que o feto

Predestinado, a pallida Esperança,
Fructo de mil angustias, em chegando
A vêr a luz se chame *desespero?*

Elles sabem que não. Sabem que o oceano,
Chamado humanidade, gasta seculos
A revolver, lá dentro em si, uma idéa;
Mas que, se um dia chega a vêl-a clara,
A phrase com que a deita ao mundo é o estrondo
Da tormenta... e é seu *verbo* o cataclysmo!

IV

Elles sabem e temem.—
Como ovelhas,
A quem faro de lobos poz espanto,
Uniram-se formando um grande circulo.

'Stá no centro o *Pastor*—baculo de ouro
Por fóra, mas por dentro ferro todo!
Em volta do cajado da legenda
(Como em volta ao bordão do Sete-estrello
As estrellas do céo) é que se juntam
As estrellas fataes da treva humana.

Os que trazem na mão a cruz de Christo
(Onde a Christo pregaram!) e os que apertam
Com o guante ferrado a cruz da espada!
Os que do peito humano fazem cunho
E, vasando-lhe prantos, lhes sahe ouro!
Os cabos do exercito traidores,
Porta-bandeiras que o pendão venderam;
Que, vendo na auriflamma esta palavra
*Justiça* escripta, vão (linguas de vibora)
Lambendo a letra de ouro, e a baba horrivel
Deixa bordado a fio de peçonha
O mote d'elles *Interesse!* os *sabios*
Que andam tapando o sol co'a capa negra!
Os Cains, que subindo sobre a espadoa
Dos irmãos, lhes deixaram cada hombro
—Marca de servidão—beijo do inferno—
Ferido dos sapatos tauxiados!
Os leprosos que põem ouro nas chagas!
Os que vendem a Christo cada dia,
E o renegam tres vezes cada noite!
Os herdeiros do Abuso! os feudatarios
Do Crime! os titulares da Ignominia!
Eis do inferno o rebanho, que obedece
A um Pastor... herdeiro da Serpente!

## V

São estes que fizeram de cadaveres
O grande monte do Passado: estes
Que de ossadas fizeram os castellos
E os pulpitos e os thronos — e fizeram
De prantos oleo santo e agua benta...

São estes que fizeram da cruz negra
Do mau ladrão signal com que se absolvem
Entre si: e, deitando a *toga preta*
Pelo espaço, fizeram Firmamento;
E chamaram, ao sol, escuridade;
E, ao pensamento, lepra; e á ignorancia
Elevaram altar; e á ignominia
Chamaram dignidade; e andam pedindo
Esmola para a Treva; e querem do homem
As lagrimas, apenas... com que reguem
Do seu jardim roubado as negras flôres!

## VI

E, emtanto, sabem (quem tem olhos vê-o...
Vê com espanto!) que o tremor do solo
É largo e vem de longe; e que ha no espaço,
Fóra do mundo, mão que impelle as cousas
E, como onda, as agita a ir de encontro
Á *cidadella das ruinas!* Sentem
Já sobre o coração um frio horrivel...
E, olhando em volta, vêem pelo escuro
Vir essa negra mão, que traz erguida
A espada flammejante do Destino!

Vêem... e luctam! Deus é que elles tentam
E ao Destino é quem elles desafiam!
Mas têm medo—os cobardes—porque mentem
E não sabem bradar, olhando os astros,
«Nós cá somos o Mal... guerra de morte!»

Não sabem—mentem—dizem que o Passado
Era urze fraquinha que a Revolta,

Bem como golpe de alvião valente,
De uma vez arrancou. Fazem-se humildes
E, como o canavial, vergam gemendo...
E dizem *meu irmão* a cada insecto...
E querem vêr se enganam a Verdade...
E querem vêr se Deus lhes cahe no laço!

VII

O Passado! essa larva macilenta,
Mixto de podridão, tristeza e sombras,
Se morreu... resurgiu do seu sepulchro!
Bem o vemos andar, pavonear-se
Entre nós, nos vestidos illusorios
Da triste morte, arremedando a vida,
Passar—e sobre a fronte d'esse espectro
Bem se vê uma sombra de tiara
Ou de corôa, ao longe, branquejando!

Mudou de roupa—mas o corpo ainda
É o mesmo... é peor, que cheira á cova!

O castello feudal tinha raizes
Bem fundas n'esse chão: e a arvore heraldica,

Antes que a decepassem, alastrou-se
Subterranea e botou rebento ao longe...
Se a regou tanto sangue e tanta lagrima!
Tem muita vida ainda a arvore negra...

O velho mundo, a Babylonia antiga,
—Leviathan dos tempos—tem amarras
De ferro colossaes que á praia o ligam:
Cada fuzil é um abuso; a ancora
É a inercia das gentes; e é o interesse
A rocha a que se prende. Ri dos ventos
E julga-se seguro... mas um dia
Ha-de estalar... e então! então o oceano
Terá pouca fundura para a cova,
E poucas ondas a deitar-lhe em cima!

VIII

O novo mundo é toda uma alma nova,
Um homem novo, um Deus desconhecido!

No nosso sangue ha globulos legados

Pelo mysterio das idades idas:
Ha toda a podridão da arvore antiga,
Legada ao germen da arvore futura...

Ha o espirito e a fórma. A *Authoridade,*
Esse mysterio, espada de Damocles,
Essa nuvem sombria onde se escondem
O Senhor do Sinay e as doze-taboas:
A rede de mil fios, que atirando
Uma ponta á familia, em mil meandros
Vai, desce, sobe, some-se, apparece,
Té que prende no throno a ultima ponta,
Onde a Aguia-bifronte os fios une!

Ha o *Terror* — a nuvem das alturas
Trazida para aqui (ou aqui formada);
Raio de luz do eterno sanctuario
Mettido no candil d'estes Diogenes!
Uma ponta do véo azul do augusto
Cobrindo a fronte cynica do eunuco!
*Deus* — o segundo termo do dilemma
Sempre apontado ao peito, como setta!
Não se poder andar, correr os campos,
Sem que, de um canto escuro, um vulto negro
Nos brade logo «arreda! aqui começa
O dominio do céo — atraz, profano!»

O pensamento livre e illuminado
Mettido ao canto d'essa jaula negra
De *pedra e ferro!* o céo sempre na terra!
A *tenda do deserto* em mil retalhos
Partida! e a onda do mar pulverisada!

..................................................

Ha de que perguntar porque é que os astros
Se põem a olhar assim com tal carinho
Para aqui, e temer que o sol, um dia,
Revolvendo o que viu, fuja no espaço
Ou se apague co'as lagrimas choradas...
Porque isto é baço e isto é atroz!

## IX

Emtanto,
Da Historia o solo tragico, regado
Com o sangue dos tempos, anda em dôres
Concebendo um mysterio—porque dentro
Em seu seio, n'um rego tenebroso,
Não sei que mão deitou uma semente
Escura mas divina, a do Futuro!

X

Ha-de crescer até ao céo essa arvore!
Ha-de vingar! o bafo, o ar que respira,
É o Desejo do homem, essa eterna
Aspiração, essa atmosphera ardente
Aonde bebe vida quanto ha grande,
Quanto de novo e estranho á luz se eleva!

Ha-de crescer essa arvore divina!
Porque as raizes d'ella vão, na sombra,
Buscar a vida ás duas largas fontes,
Verdade e Amor—e a seiva que a alimenta
É a Idéa... e é o chão a Humanidade!

XI

Deixal-a ir! Os vermes que a rodêam

Querem comer-lhe o tronco — estes insectos
São audazes... porque? porque são cegos!
Hão-de gastar os dentes n'essa lida;
Hão-de gastar, depois, ainda a cabeça;
Hão-de por fim gastar o corpo todo!

E ella como se vinga?
A essa poeira
Escura, que deixarem quando extinctos,
Lá irá procural-a co'as raizes,
E transformal-a em seiva; e d'essa seiva
Fazer ou folha ou ramo ou flôr, acaso,
E, generosa, ao sol do bello erguel-a
Que veja, ao menos uma vez, os astros!

Elles são fortes — elles têm o Mundo:
Ella, por si, apenas tem... o Espirito!

1863.

## III

Como o vento ás sementes do pinheiro
Pelos campos atira e vai levando...
E, a um e um, até ao derradeiro,
Vai na costa do monte semeando:

Tal o vento dos tempos leva a Idéa,
A pouco e pouco, sem se vêr fugir...
E nos campos da Vida assim semêa
As immensas florestas do porvir!

1864.

## IV

## Justitia mater

Nas florestas solemnes ha o culto
Da eterna, intima força primitiva:
Na serra, o grito audaz da alma captiva,
Do coração em seu combate inulto:

No espaço constellado passa o vulto
Do innominado alguem, que os soes aviva:
No mar ouve-se a voz grave e afflictiva
D'um deus que lucta, poderoso e inculto.

Mas nas negras cidades, onde sôlta
Se ergue de sangue madida a revolta,
Como incendio que um vento bravo atiça,

Ha mais alta missão, mais alta gloria:
O combater, á grande luz da historia,
Os combates eternos da justiça!

1870.

## V

# No Templo

### I

O Povo ha-de inda um dia entrar dentro do Templo,
E ha-de essa rude mão erguer-se sobre o altar;
E ha-de dar de piedade um grande e novo exemplo,
E, ao pulpito subindo, o mundo missionar.

Heis de essa voz solemne ouvir—na nave augusta
O canto popular ao longe soará;
E a pedra, carcomida ás mãos do tempo e adusta,
Anciosa palpitando, o hymno escutará!

O Povo ha-de fazer-se, então, bispo e levita;
E será *missa-nova* a missa que disser:
E ha-de achar ao sermão por thema o que medita
Hoje confuso e está na mente a revolver.

Então, por essa immensa abobada soando,
Ha-de correr o som de um orgão colossal;
E uma outra cruz no altar, outro esplendor lançando,
Ha-de radiar luz nova ás letras do missal.

*Dia santo* ha-de ser esse de festa estranha!
Com a callosa mão o Povo toma a cruz,
Amostra-a á multidão e—Christo na Montanha—
Missiona... e a fronte, emtanto, inunda-se de luz!

Então o seu olhar será como o espelho
Dôce, que o filho tem no olhar de sua mãi:
E, tendo n'uma mão erguido o Evangelho,
Com a outra aponta ao longe o vago espaço, além...

II

Ninguem o dia sabe ao certo: emtanto, vemos
Pelos signaes do céo que a *aurora* perto está...
Pelas constellações é que esse espaço lêmos...
A *estrella do pastor* desmaia... Eil-o vem já!

.....................................

Sabeis que *missa nova* essa é que diz o Povo?
E o orgão colossal que, em breve, vai soar?
Qual é o novo altar e o Evangelho novo?
E o thema do sermão que ás gentes vai prégar?

O Evangelho novo é a biblia da Igualdade:
Justiça, é esse o thema immenso do sermão:
A missa nova, essa é missa de Liberdade:
E orgão a acompanhar... a voz da Revolução!

1864.

## VI

# Palavras d'um certo morto

Ha mil annos e mais que aqui estou morto,
Posto sobre um rochedo, á chuva e ao vento:
Não ha como eu espectro macilento,
Nem mais disforme que eu nenhum aborto...

Só o espirito vive: vela absorto
N'um fixo, inexoravel pensamento:
«Morto, enterrado em vida!» o meu tormento
É isto só... do resto não me importo...

Que *vivi* sei-o eu bem... mas foi um dia,
Um dia só—no outro, a Idolatria
Deu-me um altar e um culto... ai! adoraram-me

Como se *eu* fosse *alguem!* como se a Vida
Podesse ser *alguem!*—logo em seguida
Disseram que era um Deus... e amortalharam-me!

1873.

## VII

# Aos miseraveis

### I

Vós vêdes esses *lobos carniceiros*,
Que em volta dos *redis* andam bramindo?
Que onde se espalha o sangue são primeiros,
E ultimos onde o Amor está sorrindo?
Tremeis de medo ao vêl-os? ou, rasteiros,
Da vista d'elles vos andaes sumindo?
Ou, cheios de odio, estaes a invejal-os?
Pois, em verdade, que é melhor choral-os!

*

Elles não vêem d'este grande mundo
Mais que os tectos dourados de seus paços...
Vós tendes todo o céo largo e profundo
Por tecto, e por palacio esses espaços!
O que Deus dá a todos... o fecundo...
Que não se nega aos mais myrrhados braços...
O brado que de um peito amado sahe...
E o que do olhar das mães n'alma nos cahe...

A herança é bella, miseraveis! vêde...
*Miseraveis!* porque? porque no estio
Só piedoso olhar vos mata a sêde?
Porque, quando tremeis de fome e frio,
Deus só seio de amigo vos concede?
Só tendes a esperança, como rio,
Para banhar-vos no maior calor?
*Elles* têm tudo... só lhes falta o Amor!

Nem têm Intelligencia! a que vem d'alma!
Esse grande entender da Grande Cousa!
Cacho nascido na mais alta palma!
Corôa de quem *crê* e de quem *ousa!*
Sangue de irmãos a sêde lhes acalma...
Dão banquetes no marmore da lousa...
É saber isto? é isto intelligencia?
Não! que o Bem é o perfume d'essa essencia!

A camphora... a balsamica resina...
A essencia que distilla sobre os Povos,
Na fronte d'elles, como unção divina...
Quando o tronco deitou rebentos novos,
E palpitou a ave pequenina
Por um leve rumor dentro em seus ovos,
Então cahiu tambem da immensidade,
Sobre a fronte dos povos, a Verdade!

É Ella, que resalta, como lume,
Do choque das idéas e das cousas!
Não ha grilhões que a prendam... que os consume!
Nem campa... que ella estala as frias lousas!
Machado de aço fino, com o gume
A arvore decepou onde te pousas
Tu, negro mocho da Hypocrisia,
E tu, aguia fatal da Tyrannia!

II

Derruba com seu pé thronos erguidos,
Com um sopro, no pó lança os castellos,
E aos *vermes* que na sombra vão sumidos
É a quem ella chama filhos bellos!
Os cometas, que ao ar andam subidos,
Fez cahir... e tomando uns alvos vellos
Pallidos e trementes, a Verdade
Com elles construiu throno e cidade!

Nós vimos esse deus e a nossa bocca,
Não sabendo quem é, chamou-lhe Idéa:
N'um dia faz-se nada, e a si se apouca...
No outro o mundo envolveu na immensa têa!
Pareceu bem mingoada e cousa pouca,
Quando com Christo se assentou á cêa...
No outro dia chamava-se Martyrio...
Alma depois... depois chamou-se Empyreo!

Vai indo e vai varrendo a casa immunda
Que se chama *passado*—e faz o *novo*
Da poeira, inda hontem infecunda,
E que já ámanhã se chama Povo.
É ella quem destroe e quem inunda;
E, entre as ruinas, faz chocar um ovo
Onde se agita um feto, hoje inda escuro,
Mas que é aurora e luz... porque é Futuro!

É gosto vêr os thronos abalados
Por essa ferrea mão, e vêr os cultos
Por terra, e entre os altares alastrados,
Vêr sob elles no pó deuses sepultos!
Vêr os nomes dos *grandes* apagados,
E as sombras dos *heroes* cheias de insultos...
Porque esse sopro que o incendio atiça,
E essa mão e esse braço... é a Justiça!

A Justiça flammeja como a espada
Do archanjo invisivel — resplandece
Como a chamma dos fogos ateada,
Que, ao longe, nas montanhas apparece.
Vela á porta dos grandes assentada:
Á ruina dos maus é que ella desce:
E tem por throno e solio soberanos
As ossadas comidas dos tyrannos!

Ninguem a vê chegar... mas, de repente,
Apparece — e mudou a face ás cousas!
Encheu de prantos quem dormiu contente;
Dos felizes sentou-se sobre as lousas;
Do olhar do *forte* fez olhar tremente;
E a ti, ó miseravel, que nem ousas
Do chão teus tristes olhos levantar,
Foi quem ella tomou para beijar!

Não são consolações que dê o *acaso*,
São *leis* mysteriosas e divinas...
A providencia occulta em cada caso...
Presente na ventura e nas ruinas...
O que se achou no fundo d'esse vaso
Que se libou na vida... as surdas minas
Por onde o incendio lavra sem ser visto,
Chame-se embora Garibaldi ou Christo!

III

Ó Justiça! eu sorrio quando encaro
Os semi-deuses d'esta terra ingrata,
Que cheios de vaidade e de descaro
Se julgam feitos de ouro e fina prata...
Sorrio ao vêr como em seu throno avaro
Cuidam fallar com voz de cataracta,
E crêem ser na altura uns Sete-estrellos...
Que eu bem sei que Tu has-de subvertel-os!

---

Os Thronos cahem sem acharem echo,
E os deuses morrem sem fazer ruido;
É o Sceptro ramo que só fructo peco
Dará, e o Montante de aço buido
Não poda a *vinha*... deixa tudo secco!
Tudo isto morre e vai-se em pó sumido...
Thronos, tiaras, sceptros, potestade,
Que pesam na balança da Verdade?

Mas a idéa, que sahe da nossa fronte;
E a dôr, que irrompe e rasga o nosso peito;
Mas a agua, que tem n'uma alma a fonte;
E o feto, que nasceu todo imperfeito;
E o ai de um triste em solitario monte;
E um pranto maternal em frio leito;
Eis quem pesa no prato da balança
Onde se mede o amor e a esperança!

Esperança! debalde não se soffre!
Ó vós que andaes curvados, vêde a altura
E dizei-nos se póde dar de chofre
No lodo quem nasceu da formosura?
E espalhar os brilhantes do seu cofre
Entre as urzes, e pobre e em noite escura
Ir curvado sem vêr a *cousa-bella*
Quem nasceu para andar de estrella em estrella?

Caminhai para a *estrella da alvorada*
Que vos sorri de lá — não tenhaes medo —
Té que se desembrulhe esta meada...
E ha-de desembrulhar-se, tarde ou cedo!
Miseraveis! segui na vossa estrada
De miseria, segui, com rosto ledo...
É a estrada real de um reino certo!
Vai na frente a *columna do deserto!*

1863.

## VIII

# A um crucifixo

### I

Ha mil annos, bom Christo, ergueste os magros braços
E clamaste da cruz: ha Deus! e olhaste, ó crente,
O horisonte futuro e viste, em tua mente,
Um alvor ideal banhar esses espaços!

Porque morreu sem echo o echo de teus passos,
E de tua palavra (ó Verbo!) o som fremente?
Morreste... ah! dorme em paz! não volvas, que descrente
Arrojáras de novo á campa os membros lassos...

Agora, como então, na mesma terra erma,
A mesma humanidade é sempre a mesma enferma,
Sob o mesmo ermo céo, frio como um sudario...

E agora, como então, viras o mundo exangue,
E ouviras perguntar—de que serviu o sangue
Com que regaste, ó Christo, as urzes do Calvario?—

1862.

## II

## DOZE ANNOS DEPOIS

Não se perdeu teu sangue generoso,
Nem padeceste em vão, quem quer que foste,
Plebeu antigo, que amarrado ao póste
Morreste como vil e faccioso.

D'esse sangue maldito e ignominioso,
Surgiu armada uma invencivel hoste...
Paz aos homens e guerra aos deuses!—poz-te
Em vão sobre um altar o vulgo ocioso...

Do pobre que protesta foste a imagem:
Um povo em ti começa, um homem novo:
De ti data essa tragica linhagem.

Por isso nós, a Plebe, ao pensar n'isto,
Lembraremos, herdeiros d'esse povo,
Que entre nossos avós se conta Christo.

1874.

## IX

Por mais que o mundo acclame os vãos triumphadores,
Os que passam cantando e os que passam óvantes,
Os que entre a multidão vão como uns hierophantes,
E os que repartem d'alto, augustos julgadores,
Ás turbas o favor e os desdens cruciantes,

Não ha gloria ou poder, cousa que o mundo acclame,
Igual á morte obscura, erma, vil, impotente,
D'um homem justo e bom, que expira injustamente
Na miseria, no exilio, ou em carcere infame,
Mas que applaude a consciencia — e que morre contente!

1873.

## X

## Sombra

(A RAYMUNDO DE BULHÃO PATO)

Quando Christo sentiu que a sua hora
Em fim era chegada, grave e calmo,
Sereno se acercou dos que o buscavam.
A turba vinha em armas. Mas, de tantos,
Nem um só se atreveu a dar um passo,
A pôr a mão no Filho do Homem. — Todos
De olhos no chão, as armas encobriam
Ante Jesus inerme.

Então aquelle
Que o tinha de entregar, aproximando-se,
O tomou nos seus braços, murmurando:
*Que Deus te salve, Mestre!* e, sobre a face
O beijou, como fôra contractado:
Então os mais, chegando-se, o prenderam.

Mas Jesus, sem os vêr, lhes perdoava:
De olhos no céo, seguia-os sereno.
Era duro o caminho. Sobre um monte
Iam e, dos dous lados, lá em baixo,
Cobria a treva a terra toda.
Quando,
Porém, sobre o mais alto d'esse monte
Foram emfim chegados, de repente
Viu-se-lhe uma das faces alumiar-se
De uma luz dôce e branda, mas immensa!
E quanta terra, desde o monte ao oceano,
Lhe ficava do lado aonde virada
Lhe estava aquella face, reflectindo-a,
Tudo se esclarecia—válle e serra
E a metade do céo—apparecendo
Como em puro luar, ou qual se fosse
Vir nascendo uma aurora d'esse lado.
E essa face radiante era a que Judas
Não chegára a tocar.

Porém a outra,
Que elle beijára, conservou-se escura
Como se o crime d'elle alli guardasse...
Nem dava luz; e o espaço, d'essa banda
Onde a virava, era uma noite immensa,
Coberto o horisonte de nevoeiro...
Partido o mundo em dous, essa metade
Era a que se ficára envolta em sombras.
.....................................
.....................................
Foi d'essas sombras que se fez a Igreja!

1865.

*

## XI

# Carmen legis...

### I

Muito ruido e pó, e muito escuro!
É d'isso que se vestem...
É d'esse ar que respiram e que vivem...
Salamandras da sombra!

Chamam-se Bispos, Reis, Imperadores,
Altos, Grandes e Ricos!
Pairam sobre uma nuvem sobranceira,
E sobre as nossas frontes!

Agitam-se, revolvem-se, remexem-se...
Ferem os grandes echos...
Enchem de bulha e pasmo o universo...
Põem terror e espanto!

Alevantam o pó de toda a estrada...
E agitam toda a onda!
Tem o sceptro, a tiara, a espada, a bolsa...
Mandam nos corpos todos!

Vê-os passar a gente, como uns astros,
E abaixa ao pó a fronte,
Com medo de ser visto e que se abraze
No rabo do cometa!

## II

Pois bem! Grandes, Altivos, Poderosos,
E Cometas da altura,
E Senhores da terra e Semi-deuses...
Vós sois o pó e o nada!

Atroadores! o ruido immenso,
Com que abalaes o mundo,
É apenas fracasso e pó e estrepito
De casa que se alue!

III

O espanto, que espalhaes, não vos pertence...
Não é a vossa força.
É o tremor do sólo, é o presagio
Do grande terremoto!

É o vôo da aza poderosa
D'aquella aguia cruenta,
Que vos ha-de abater, precipitando-vos
Co'a face contra o sólo!

É o echo longinquo das revoltas!
É o grande rebate!
É o seio do povo, que concebe
Um feto monstruoso!

E a desillusão! são as escamas
Cahindo d'esses olhos,
Ao vêr de perto os idolos antigos...
E achando-os terra e barro!

O nascer da esperança n'esses cerebros,
Que nem d'ella sabiam!
Modo estranho de olhar o horisonte,
Ao vêr os astros novos!

É a onda, que sobe dos abysmos
E põe á luz a coma...
Que abala... mas que vem lavando tudo...
E se chama Justiça!

São as vozes, que o ar pavido escuta,
Que nunca ouvira d'antes!
E aos echos do espaço em vão pergunta
De d'onde aquillo sobe!

É a Revolução! a mão que parte
Corôas e tiaras!
É a Luz! a Razão! é a Justiça!
É o olho da Verdade!

IV

Quem foi que disse aos povos estas cousas?
Quem foi que disse ao Servo
Que Deus, quando o creou, no seu registro
Lhe poz o nome de Homem?...

E disse que o viver é lei de todos,
E não só de alguns poucos?
Para tudo beber, o mar? e a terra
Sócco da estatua humana?

Qual é a mão intrepida, que arranca
De sobre os olhos d'elles
A venda negra, que amarrára, ha seculos,
A mão do sacerdocio?

Quem é que diz ás faces, ha mil annos,
Curvadas sobre a terra,
— «Erguei-vos para o céo! o céo é vosso!
É essa a vossa herdade!» — ?

V

Quem foi? fostes vós mesmos! Impellida
Por força que não vieis,
A vossa mesma mão foi escrevendo
Sua propria sentença!

Trabalhaes! e mal vêdes que trabalho!
Sois as rodas da machina
Que a si mesma se está esmigalhando!
E, Reis e Sacerdotes,

E Levitas do mundo! sois vós mesmos
Que abris a grande *Porta*,
Por onde ha-de ruir o mundo todo
No vosso templo egoista,

E deitar, sob o altar, as cruzes todas,
E beber regalado
Esse nectar da vida — a Liberdade —
No vosso calix santo,

E esmigalhar, co'a fronte do levita,
A fronte do seu idolo!
Vêde o que ha-de sahir do horrivel choque
De santo contra santo!

VI

E sabeis vós porque? Por pouco... apenas,
Porque o Deus da historia
Traduziu, n'uma lauda do seu livro,
A traducção estranha,

Que diz, em vez de *rei*—lobo e tyranno—
E em vez de *sacerdocio,*
—Serpente, que se enrosca ao mundo todo—
E, em vez de *rico*—egoista—

E ajuntou *senhor* e *escravo,* ambos
N'esta palavra—Homem—
E *casta* e *privilegio,* traduziu-as
Ambas por—Igualdade—

E, em vez de *templo* estreito, poz — espaço
Immenso e infinito —
E, em vez de *rio,* mar! e, das *migalhas*
Fez um grande banquete!

E á terra e ao homem, ambos condemnados
Á fixidez do marmore,
Deu um sopro gigante, baptisando-os
Com um nome — Progresso —!

VII

Por isso os vossos thronos se racharam,
E as cruzes vão rolando,
E as libras se derretem como gelo...
E foi por isto, apenas!

1863.

## XII

A espada inexoravel que flammeja
No horisonte d'um povo impenitente,
E não poupa, na ameaça indifferente,
Nem tugurio, nem paço, nem igreja;

O gladio que encoberto peregrino
Ergue, imprevisto, nas humanas liças,
A espada das historicas justiças,
A espada de Deus e do Destino;

De que pensaes que é feita? Por ventura
Pensaes que é feita d'um metal terreno,
Cheio de jaça e fezes, e em veneno
Temperado talvez por mão impura?

Que é feita de cubiça e violencia?
E de odios cegos, brutos, truculentos?
De cobardes e falsos pensamentos?
De ultraje, de furor e de demencia?

Quanto vos illudis, irmãos! Sabei-o,
Homens de pouca fé! sabei que a espada
Sinistra e em cuja folha esbrazeada
Uma palavra em lingua estranha eu leio,

Que esse rubro signal de mudo espanto,
Fixo, pregado alli n'um céo terrivel,
Continuo, inquebrantavel, inflexivel
Á prece, á ameaça, á dôr, ao pranto,

Que essa espada da morte e do pavor
É só feita de Bem inalteravel,
De Verdade ideal e impeccavel...
E que esse açoute é feito só de Amor!

Sabei, povos, que em horas de demencia
Amaldiçoaes a mão que vos castiga:
Essa inflexivel mão é mão amiga,
É a mão paternal da Providencia!

1873.

## XIII

### Versos escriptos na margem d'um missal

Bem póde ser que nossos pés doridos
Vão errados na senda tortuosa,
Que o pensamento segue nos desertos,
Na viagem da Idéa trabalhosa...

Que a arvore da Sciencia, sacudida
Com força, jámais deite sobre o chão,
Aos pés dos tristes que alli 'stão anciosos,
Mais do que o fructo negro da *illusão*...

Que o livro do Destino esteja escripto
Sobre folhas de lava, em letra ardente,
E não chegue a fital-o o olho humano
Sem que se offusque e cegue de repente...

Póde ser que, na lucta tenebrosa
Que este seculo move sob o céo,
Venha a faltar-lhe o ar, por fim, faltando-lhe
A terra sob os pés, bem como Anteo...

Que do sangue espalhado nos combates,
E do pranto que cahe da triste lyra,
No arido chão da esperança humana
Mais não nasça que a urze da *mentira*...

Que o mysterio da vida a nossos olhos
Se torne dia a dia mais escuro,
E no muro de bronze do Destino
Se quebre a fronte — sem que ceda o muro...

Que o pensamento seja só orgulho,
E a sciencia um sarcasmo da verdade,
E nosso coração louco vidente,
E nossas esperanças só vaidade...

E nossa lucta, vã! talvez que o seja!
Cego andará o homem cada vez
Que vê no céo um astro! e os passos d'elle
Errados pelo mundo irão, talvez!

Mas, ó vós que prégaes descanço inerte
No seio maternal da ignorancia,
E condemnaes a lucta, e daes ao homem
Por seu consolo o dormitar da infancia;

Apostolos da crença... na inercia...
Vós que tendes da Fé o ministerio
E sois reveladores, dando ao mundo
Em lugar de um mysterio... outro mysterio;

Se quanto o Universo tem no seio,
E quanto o homem tem no coração,
O olhar que vê e a alma que adivinha,
O pensar grave e a ardente intuição,

Se nada — em terra e céo — póde ensinar-nos
Do fado humano o immortal segredo,
Nem os livros profundos da sciencia,
Nem as profundas sombras do arvoredo,

Se não ha mão audaz que possa erguel-o
O tenebroso véo do Bem e Mal...
Se ninguem nos explica este mysterio...
Tambem o não dirá nenhum missal!

1865.

## XIV

# Á Europa

(DURANTE A INSURREIÇÃO DA POLONIA EM 1864)

La Russie c'est le cholera.
MICHELET.

Aguia da França! que te vejo agora,
Como ave da noite, triste e escura!
Ha pouco ainda a olhar o sol — n'esta hora
Meia offuscada ao resplendor da altura!
Subindo sem se vêr já quasi, outr'ora,
E, hoje, tombada sobre a rocha dura!
E quem por nome teve já Esperança,
Chamar-se Desalento... Aguia da França!

Irmã! Irmã! Irmã! por ti clamaram
Desde o desterro os miseros captivos!
Foi para ti que os olhos levantaram
Queimados da tortura aos lumes vivos!
Foi por ti, foi por ti que elles bradaram
Erguidos do sepulcro e redivivos!
E tu dormes no ninho da confiança?!
São irmãos teus! acorda, aguia da França!

*

Ah! a aguia-imperial inda tem aza...
Mas o que ella não tem já é vontade!
Ha ainda algum fogo que a abraza...
Mas não é nem amor nem liberdade!
Inda tem garra com que empolga e arraza...
Mas já não os *véos negros* da verdade!
Porque, abraçando-a, lhe hão roubado a ardencia
Dous *amigos*, o Egoismo e a Prudencia!

Ó Prudentes! não sei se mais me ria,
Se mais chore de vêr vossa cegueira!
Pois vós, cuidando ter a luz do dia
Nas mãos, tendel-as cheias de poeira!
Vós chamaes-vos a Ordem, a Harmonia...
Mas, *nos fructos*, qualquer vê que a figueira
Que, em rebentando o estio, não rebenta
É porque apenas sobre a areia assenta!

A areia do Egoismo! E, se a vaidade
Vos não cegára, virieis que a semente
Que cahiu sobre o chão da Liberdade,
Em vez de ser perdida inutilmente,
Dá, por um grão, milhares. — E, em verdade,
Verieis tudo isto simplesmente
Se, em vez de ter por lei o *livro escuro*,
Só na Justiça lesseis o Futuro!

Sim! o Futuro! Vós olhaes a um lado
E a outro lado — e vêdes o horisonte...
Sabeis como passou quanto é passado,
E que alicerce teve cada monte...
Por vossa mão o mundo está marcado...
Cada mar, cada rio, cada fonte...
Tudo sabeis — a noite e a manhã —
Só vos esquece... o dia de ámanhã!

Quando a Aguia da Russia as duas garras
Cravar no coração á liberdade,
Tapando com o vulto as cinco barras
D'esse Volga de luz, a humanidade;
Quando, emfim, estalar quantas amarras
A tem lá presa desde a velha idade,
E, tomando co'a sombra toda a altura,
Se estender sobre a Europa a aza escura:

Quando o vento do Norte em nossos prados
Tiver levado com os grãos as flôres;
E, soprando nos ermos despovoados,
Semear a seara dos terrores;
Quando, emfim, sobre os sulcos arrazados,
Dormirem com os bois os lavradores;
E só brotar no chão da liberdade
— Só — a herva da Russia, a escuridade:

Vós haveis exultar, então, *prudentes*,
E, *sabios*, vêr o fructo ao vosso ensino!
E áquelle velho conto dos dormentes
Tirar sua moral... que é o Destino!
Então abrindo os olhos, ó *videntes*,
Sobre as cabeças heis de vêr a pino
O cometa dos prosperos futuros...
Da negra Russia sobre os céos escuros!

E, Diplomatas, heis de lêr as *notas*
Escriptas nas muralhas derrocadas!
E das cidades nas bastilhas rotas
Heis de vêr as *razões* alli gravadas!
E haveis de ouvir das boccas mudas, bôtas,
A *opinião* extrema das espadas!
Lá quando no congresso se assentarem
As Potencias da Noite... e concertarem!

Quando um povo se chama, em vez de Gente,
Cholera, peste, vento da Siberia;
E uma nação é assim cousa impudente
Que, em vez da veste virginal, aérea,
Só tem andrajos com que aos olhos mente,
E é só, no fundo, escravidão, miseria;
E em vez de filho amado traz ao peito
Um monstro informe de horrido trejeito;

Ó Nações, que dizeis abrir á vida
E á luz os olhos livres... ó Nações!
Quando é com cousa assim, crua e descrida,
Que se vão resgatar as oppressões...
Não ha voz de justiça — a mais erguida —
Nem tratados, nem notas, nem razões...
Ha uma folha só — a da espada —
Para o grande tratado — a cutilada — !

E vós passaes a mão sobre as escamas
Do crocodilo... e credes convertel-o?
Credes ligal-o com as finas tramas
Da *palavra,* mais frageis que um cabello?
Ó homens habeis, que fallaes ás chammas,
E ao mar bravo co'a voz podeis contel-o,
Sois uns grandes apostolos por certo...
Que até andaes prégando no deserto!

Apostolo! mas vêde que no mundo
Não ha já hoje um só, com este nome,
Sem que lhe apaguem com um riso immundo
O nobre fogo em que arde e se consome!
Quanto vale a *palavra* n'este fundo
Poço da Europa de hoje, onde se some
A voz mais alta? quanto vale? olhai!
Inclino o ouvido... mal escuto um ai!

Apostolo—é a bombarda da metralha
Estalando as bastilhas dos tyrannos!
Apostolo—é o ferro, quando espalha
O terror sobre os peitos deshumanos!
É o clarim no meio da batalha
Tocando a *retirada dos enganos!*
É a mão do Destino, que em seus ninhos
Esmaga a loba velha co'os lobinhos!

Contra a Russia—a heresia das nações—
Um grande e forte apostolo de ferro!
Que vá direito dentro aos corações
Com rijo abalo esmigalhar o erro!
Que, em vez da branda voz das orações,
Prégue a sua missão com grande berro!
Não humilde, não dôce, como os onze
De Christo... mas apostolo de bronze!

Esse, sim! que converta o povo impio
Que ao Dagon da matança deu seu culto!
Que lhe faça correr o pranto em fio,
Mas um pranto de sangue! Um rude insulto,
Não palavras de amor a esse Gentio!
Um missionario de tremendo vulto
Que em fim lhe escreva as letras da oração
(Mas com ferro) no duro coração!

Essa é a unica voz que se ergue e brada!
Com que póde prégar-se, a essa descrida
Raça de Moabitas, a sagrada
Nova missão de Liberdade e Vida!
Nações da Europa! é ao canhão e á espada
A quem deveis dar a *palavra*. Erguida
Essa voz soará por toda a terra
A doutrinar um Evangelho—a guerra!

Ah! se ha ainda olhos para verem,
Em despeito da venda, a luz infinda!
Se ha almas juvenis para se erguerem
Com o sublime vôo que jámais finda!
Se ha mãos ainda ahi para estenderem
Á luz da gloria um ferro—e se ha ainda
Povos livres na terra, e em peitos novos
Ha livres corações—á guerra, ó Povos!

1864.

## XV

Ha dous templos no espaço — um d'elles mais pequeno;
O outro, que é maior, está por cima d'este;
Tem por cupula o céo, e tem por candelabros
A lua ao occidente e o sol suspenso ao éste.

De sorte que quem 'stá no templo mais exiguo
Não póde vêr nascer o sol, nem póde vêr
As estrellas no céo — que os tectos e as columnas
Não o deixam olhar nem a cabeça erguer.

É preciso abalar-lhe os tectos e as columnas
Por que se possa erguer a fronte até aos céos...
É preciso partir a Igreja em mil pedaços
Por que se possa vêr em cheio a luz de Deus!

1864.

# XVI

## Pobres

(A JOÃO DE DEUS)

### I

Eu quizera saber, ricos, se quando
Sobre esses montes de ouro estaes subidos,
Vêdes mais perto o céo, ou mais um astro
Vos apparece, ou a fronte se vos banha
Com a luz do luar em mór diluvio?
Se vos percebe o ouvido as harmonias
Vagas do espaço, á noite, mais distinctas?
Se quando andaes subidos nas grandezas

Sentis as brancas azas de algum anjo
Dar-vos sombra, ou vos roça pelos labios
De outro mundo ideal mystico beijo?
Se, através do *prisma de brilhantes,*
Vêdes maior o Empyreo, e as grandes palmas
Sobre as mãos que as sustem mais luminosas,
E as legiões phantasticas mais bellas?
E, se quando passaes por entre as glorias,
O carro de triumpho de ouro e sandalo,
Na carreira que o leva não sei onde
Sobre as urzes da terra, borrifadas
Com o *orvalho de sangue,* ó homem fortes!
Corre mais do que o vôo dos espiritos?

Ah! vós vêdes o mundo todo baço...
Pallido, estreito e triste... o vosso *prisma*
Não é vivo crystal, que o brilho augmenta,
É o metal mais denso! e tão escuro,
Que ainda a luz que vê um pobre cego
Luzir-lhe em sua noite, e a phantasia
Em mundos ideaes lhe anda accendendo...
Esse sol de quem já não espera dia...

Ah! vós nem tendes essa luz de cegos!
Que! subir tanto... e estar cheio de frio!
Erguer-se... e cada vez trevas maiores!

Homens! que *monte* é esse que não deixa
Vêr a aurora nos céos? qual é a altura
Que vela o sol em vez de ir-lhe ao encontro?
Que azas são essas, com que andaes voando,
Que só ás nuvens negras vos levantam?
Certo que deve ser o vosso *monte*
Algum *poço* bem fundo... ou vossos olhos
Tem então bem estranha catarata!

II

Ha ás vezes no céo, cahindo a tarde,
Certas nuvens que segue o olhar do triste
Vagamente a scismar... ha nuvens d'estas
Que o vestem de poesia e de esperança,
E lhe tiram o frio d'este *inverno*
E o enchem de esplendor e magestade...
Mais do que as vossas tunicas de purpura!

Eu, ás vezes, nas naves das igrejas
Lá quando desce a luz e a alma sobe...
E entre as sombras perpassam as saudades...
E no *seio de pedra* tem o triste

Mil seios maternaes... eu tenho visto
Branquejar, nos desvãos da nave obscura,
Como as nuvens da tarde desmaiadas,
Uns brancos véos de linho em frontes bellas
De umas pallidas virgens scismadoras,
Que, em verdade, não ha para cobrir-nos
A alma de mysterio e de saudade
Gaze nenhuma assim! Vêde, opulentos,
Como Deus, com olhar de amor, as veste
A ellas, de uma luz de aurora mystica,
De poesia, de únção e mais belleza
Que o véo tecido com o *vello de ouro!*

Os vossos cofres tem thesouros, certo,
Que um rei os invejára... Mas eu tenho
Ás vezes visto o infante, em seio amado
De mãi, dormir coberto de um sorriso,
Tão guardado do mundo como a perola
No fundo do seu golfo... e sei, ó ricos,
Que aquelle abrigo aonde a mãi o fecha
— Entre braços e seio — é precioso,
Cerra um thesouro de mais alto preço
Que os thesouros que encerram vossos cofres!

III

Levitas do MILHÃO! o vosso culto
Póde ter brilhos e esplendor e pompas...
Arrastar-se nas ruas da cidade
Como um manto de rei... e sob os arcos
De marmore passar, como em triumpho...
Ter columnas de porfido luzente...
E ser o altar do vosso santuario
Como o templo do Sol... cegar de luzes...
O vosso Deus póde ser grande e altivo
Como Baal... o Deus que bebe sangue...
Mas o que nunca o vosso culto esplendido
Ha-de ter, como um véo para o sacrario,
A velar-lhe mysterios... é a poesia...

*

Esse mimo de amor... esses segredos...
O ingenuo sorriso da criança...
O olhar das mães, espelho de pureza...
A flôr que medra na soidão das almas...
O branco lirio que, manhã e tarde,
Aos pés da Virgem, no oratorio humilde,
Rega a donzella, em vaso pobresinho!
Nunca a vossa cruz-de-ouro ha-de dar sombra
Como a *outra* do Golgotha, — o allivio,
Sombra que buscam almas magoadas —
Onde os cytisos pallidos rebentam...
Consolações... saudade... e inda esperanças...

Podeis cavar... as minas são bem fundas...
Cavai mais fundo ainda... é já o centro
Da terra, ahi! Mas onde, ó vós mineiros,
Por mais que profundeis não heis-de uma hora
Chegar jámais... é ao coração...
E, emtanto,
É lá a unica mina de ouro puro!

## VI

O coração! Potosi mysterioso!
O grande rio de areaes auriferos,
Que vem de umas nascentes ignoradas
Arrastando saphiras em cada onda,
E depondo no leito finas perolas!

O coração! É ahi, ricos, a mina
Unica digna de enterrar-se a vida,
Cavando sempre alli... sem vêr mais nada...
Foi lá, como na areia o diamante,
Que Deus deixou cahir da mão paterna
As esmeraldas do diadema humano...

O Sentimento vivo... a Acção radiante...
E a Idéa, o brilhante de mil faces!
Foi lá que esse Mineiro dos futuros
Encobertos andou co'os braços ambos
Mettidos a buscar — mas quando um dia
Do fundo as mãos ergueu... o mundo, em pasmo,
Viu-lhe brilhar nas mãos... o Evangelho!

1863.

## XVII

# Accusação

(AOS HOMENS DE SANGUE DE VERSAILLES EM 1871)

Ergue-te em fim, Justiça vingadora!
Corusque em breve a tua espada ardente!
Eu vejo a Tyrannia omnipotente,
Em quanto ao longe a Piedade chora...

Nasce rubra de sangue cada aurora,
E o sangue ensopa a terra ainda quente...
É congresso de sangue o que esta gente
Abriu entre as nações, que o sangue irrora!

Ante o altar encoberto do Futuro
E ante ti, Vingadora, accuso e cito
Estes homens de insidia e odio escuro!

Endureça minh'alma, e creia e espere,
Com um desejo estoico e infinito,
Só na Justiça que condemna e fere!

Junho de 1871.

# XVIII

## Flebunt euntes

(AO SNR. ALEXANDRE HERCULANO)

I

Tambem sei, tambem sei o que são lagrimas!
E sei quanto se deve
Ás cinzas dos Avós, quando as lançamos
Aos ventos do oceano!

II

Eu fallo das ruinas do passado,
E de glorias futuras;
E meu peito está cheio de desejos
E aspirações immensas.

E solto o canto, ebrio de esperanças,
Ao vêr a nova Aurora:
E ergo a face, e meus olhos são de chamma,
Por saudar a Justiça!

E ao vêr a grande Lei, que vem correndo
Pela encosta dos tempos,
Como carro, e esmagando os troncos velhos,
E deslocando tudo;

Bato as mãos — porque o eixo d'esse carro
É o braço da Verdade!
E o motor, que o impelle, é a caldeira
Gigante do Progresso!

III

Que muito que me esqueçam as tristezas,
Os ais dos que atropella
E esmaga a larga roda portentosa,
Em seu girar convulso?

Que só veja a victoria, e não os mortos?
A Obra magestosa,
E não o chão cavado, revolvido,
Onde tem alicerces?

A pelle que a *serpente* vai largando,
E não as muitas dôres?
E esses olhos que se abrem á verdade,
E não os que ella offusca?

E, posto no convez da bella nave,
Que solta os largos pannos,
Em demanda de mundos encobertos,
De mysterioso rumo,

E, mergulhando o olhar nos horisontes,
Buscando nova America,
Não ouça os ais saudosos dos que deixam
A patria, o berço, o ninho?

Nem lembre, agora que a ruina é certa,
(Revendo já na mente
Os palacios-de-fadas, que hão-de erguer-se
De sobre esses destroços)

Os corações, que estavam descançados,
E tinham travesseiro
E leito, no que vai ser revolvido
E ser despedaçado?

Os pendões que açoutavam, tremulando,
O ar, sobre os castellos,
Que a Justiça dos tempos vai agora,
Com mão rude, aluindo?

As crenças, que se herdaram? e as bebidas
Das mães no seio dôce?
Essas louras cabeças, que se beijam
Em sonho cada noite?

E a cruz, que com seus braços, cada dia,
Nos mostra a nossa estrada?
E o altar da nossa fé? e o berço amigo
Das illusões antigas?

## IV

Tambem sei o que é dôr — e como as lagrimas
Sahem, arando o peito;
E o que é inclinar-se um triste, ás tardes,
Sobre gastas ruinas!

E vêr os velhos idolos partidos;
E os pendões de outro tempo
Lambendo agora o chão, com o mesmo tope
Onde a gloria pousava!

E vêr-se só no mundo e como errante...
(Crepusculo das almas!)
Perdida a fé antiga, e ainda obscuros
O Deus e os cultos novos!

E não ter já o leito de inda hontem...
E não saber já agora
Se o peito do irmão, do pai, do amigo,
Ainda tem um nome!

As almas, que como hera se enlaçavam
Ao carvalho gigante...
As vidas, flôres á antiga sombra
Nascidas e medradas...

A tristeza do tempo... a dôr dos seculos,
Que vão, como gemidos,
Cahindo e arrastando homens e cousas...
Não se sabe a que abysmo!

V

Eu sei quanto se deve ao desamparo,
E ás tristezas profundas,
E ás saudades, que vem, como soluços,
Do fundo da historia!

Se sei o que é Aurora — essa poesia
Do que á luz vem nascendo,
Tambem entendo o Occaso e as longas sombras...
— Poesia de ruinas! —

## VI

Immensa soledade e angustia immensa!
Como Sião deserta,
Como o Povo levado em captiveiro,
Como os *sós*, como o exilio!

Vêde o que foi, e vêde o que é agora!
Os Thronos, lirios bellos
Nascidos e medrando á sombra vasta
Da Igreja, essa araucaria!

E o solo, em volta e ao longe, perfumado
Pelos lizes heraldicos,
D'onde sahia o aroma grato aos povos...
O aroma do Heroismo!

E o Povo — o canavial humilde e tremulo,
Mas bom, porque era amado;
Porque as lagrimas d'elle eram o balsamo
Chamado Sacrificio!

E as crenças, que brotavam aos cardumes
D'esse chão feracissimo,
Onde Deus semeava (mão paterna!)
A Fé e a Caridade!

O Passado!—Jardim de sombra e aromas!
Cota de cavalleiro,
E véo de santa e manto de sacrario!
—Mysterio e heroicidade—

O Passado! o Passado!—A nau gigante,
Firme, mas socegada,
Porque a ancora d'ouro que a sustinha
Chamava-se Virtude!

VII

E agora... oh! *agora*... esta palavra chora
Nos labios, quando os fere...
—Reflexo das grandezas que se somem
E echo das saudades—

O solo social todo alastrado
D'estes grandes destroços...
Um mysterio tristissimo pairando...
—Sombras entre ruinas—

O Presente disforme e cheio de iras,
E tremendo o Futuro...
O sol no occaso... os ventos gemedores...
E os corações partidos!

VIII

Quem não te havia amar, Igreja mystica,
Magdalena do mundo,
Bella e piedosa em meio dos tormentos,
Ungindo os pés do Christo?

E quem não ha-de agora dar-te lagrimas,
Ó triste peccadora,
Vendo o teu manto de ouro retalhado,
E marcida a corôa?

Vendo os teus pés na borda já do abysmo,
E o hymno, o hymno santo,
Feito um threno de angustias e gemidos
E abafados soluços?

E o véo da virgindade agora feito
E talhado em sudario?
E a pompa feita agora sahimento?
E a cruz cheia de luto?

Se eu não hei-de chorar!... Foi em teus braços
Que dormi, ainda infante,
E, infante, me embalei ao som plangente
De teus hymnos sagrados!

Tive, criança loura, por brinquedo
Jasmins d'essa corôa:
Deram-me sombra aos passos inda tremulos
Os teus longos cabellos!

E, quando ao seio maternal pendido,
Uma *Lei* soletrava
Nos olhos d'ella... eu lia nos seus olhos
Todo o teu Evangelho!

E, balbuciante ainda, me ensaiava
Dizendo uma palavra,
Ensinavam-me então os labios d'ella
A tua Ave-Maria!

Oh saudades! saudades! Bem entendo,
Ó vós que estaes chorando,
O que estaes a chorar — são as saudades
D'essa immensa poesia!

Eu, filho de outros céos e de outros cultos,
Bem vos entendo o pranto;
E alevanto tambem meus olhos, humidos
D'esta grande tristeza!

Bem vejo como hão-de ir as vossas almas
Descendo na corrente,
Que a leva a Ella — e a vós vos vai levando
Quanto tinheis de santo!

Choro — se hei-de chorar! — porque te vejo
Tão só, tão abatida,
E, Rachel! ouço a voz que chama os filhos...
Mas elles não respondem!

*

IX

E vós, Thronos, ó arvores gigantes!
Dormi, á vossa sombra,
Das crenças infantis o somno amigo...
Cobristes-me a innocencia!

Houve um tempo em que o céo d'estes meus olhos
Era o docel de purpura!
Em que os brilhantes das corôas regias
Me pareciam astros!

E, agora, vejo as perolas manchadas!
E está tudo partido!
E ha uma voz, que brada a tudo isto:
« Deu a hora; sumi-vos! »

E elles vão — vai-se a arvore gigante...
Mas as raizes d'ella
'Stavam fundas, e arrancam, levantando-se,
Corações gotejantes!

Ó corações fieis! filhos da honra!
Vestaes do fogo santo!
Eu bem entendo o vosso sacrificio
E o vosso desespero!

Porque é triste, bem triste essa ruina
—Ruina de dez seculos—
E vós tinheis alli a vossa vida,
E todo o vosso sangue!

X

Paladinos! — espadas de aço buido,
Corações de ouro fino! —
Que eu vi, em volta de outro Carlos-Magno,
Outros Pares-de-França!

Ó lenda de Belleza e de Heroismo,
Onde li, ajoelhado,
As chronicas e os feitos de outra idade,
E soletrei as Glorias!

Ó valentes! tapai as vossas lagrimas
Com o punho das espadas!
Cahi, como se cahe sempre na pugna,
Dando um sorriso á morte!

Venceu-vos, no *torneio,* espectro estranho!
Cahi... erguendo os olhos
Á vossa Dama e ao vosso Deus... beijando
A cruz da antiga crença!

Da trompa de marfim, como Rolando,
Tirai um som... o ultimo...
Que desperte as saudades d'esses echos,
No chão de Roncesvalles!

E, agora, acompanhai o sahimento,
— Vossos velhos amigos —
Servi de guarda-d'honra, ó Paladinos,
E de escolta ao Passado!

XI

Passado!! — Eu sei dar pranto a estas tristezas,
A estes restos saudosos
Do mundo velho. Vós, que estaes chorando,
São bellas essas dôres!

Porque vós por altar, e fé, e crença,
E sangue, e vida, e tudo...
Tinheis tudo nos olhos d'esse *enfermo*...
E elle está condemnado!

XII

Nós damos á saudade o que é do tempo...
E ás cinzas esfriadas
Dos Avós damos honra e sahimento...
— O funeral das lagrimas! —

Depois, *ávante!* Os astros não se extinguem!
Ha céos e espaços novos!
Enterre-se o Passado com piedade...
Mas o olhar... no Futuro!

## XIII

Se já desaba o tecto das Igrejas
E o docel d'esses Thronos,
É porque um outro céo maior nos cubra...
O céo da Liberdade!

1864.

# Indice

---

LIVRO PRIMEIRO



LIVRO SEGUNDO